



0

ALABAMA



1869

A

1870



I.C.H.V.

# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 67.ª

SABBADO 2 DE JULHO.

Ns. 665 — 666.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numero; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.

## O ALABAMA.



2 de Julho de 1823.

Ha quarenta e sete annos, n'esta cidade, dava-se uma scena gloriosa, via-se um espectaculo magnifico, sendo diversos os logares de seus ensaios, e personagens em todos os actos o portuguez e o brasileiro; aquelle querendo sempre opprimir á este com engodos e agrados, com ameaças e violencias, este julgando, e julgando muito bem, que cumpria-lhe uma só cousa, que corria-lhe rigoroso e sagrado dever, resistir a todo transe, a custo da vida para morte, porque o viver do escravo, alem de desar e opprobrio, é angustia e tortura, tem um multiplo sentido, por qualquer circumstancia, martyrio, decadencia, estrebuxamento e morte!

O portuguez, acostumado a mandar e a ser obedecido por tres seculos, quatro lustros e dous annos, estranhou que em certo mez, n'um dia, por uma só hora, o brasileiro fosse surdo, ficasse indocil! E pois para logo algemas e grilhões, sêpos e correntes, tudo de perseguição e hostilidade! O brasileiro riu-se e com isso fez-lhe sentir, que a lição de 1 de dezembro de 1640, sacudido ou antes quebrado o jugo e o poder dos Philipes 2, 3, e 4 de Castella, supportado por sessenta annos, quasi sextuplamente demorada, não tinha sido perdida, para qualquer resultado, dependendo o triumpho no conflicto de força com força ou de maiores recursos ou de melhores acções, apanhando, muitas vezes, um homem carregado de aço e ferro d'um menino dextro e agil!

E não foi perdida a lição, porque o provei-

to d'ella foi colhido, e manifesto existe; existe em 2 de julho de 1823, dia, sello da independencia e brasão da liberdade, retirando-se, n'aquelle dia, n'uma esquadra, pela bahia de Todos os Santos, todo o exercito lusitano, entrando n'esta capital, n'aquelle mesmo dia, todo o exercito pacificador.

E pela restauração da Bahia deu-se a emancipação do Brasil, sendo então facto consummado a desejada e controvertida independencia.

Para aquelle desideratum houveram apostolos e martyres, homens de lingua e penna, que fallavam e escreviam, e de arcabuz, e estylête que atiravam e feriam!

A imprensa appareceu radiante e victoriosa no *Independente Constitucional*, combatendo o *Semanario Civico* e a *Idade de Ouro*!

Quizeram despotas e tyrannos amordaçal-a, destruil-a, quebrando e aniquilando prelos e typos!

Serrão foi um temerario e louco, julgando matar o invento de *Guttemberg*, que, forte e firme sempre, immortalisou-se, sendo a imprensa como phenix para reviver das ruinas, na frase de Chateaubriand, sangue de martyrio que é fecunda semente para constante fructo!

E a imprensa, d'esde então, ficou para confusão dos tyrannos e despotas, que preponderantes e garbosos em todos os tempos, hão de, em todos os tempos, tel-a como um duende que ha de amedrontal-os e esmagal-os sempre!

Depois de colonia, capitania, e em seguida provincia, principado, reino e imperio, tudo garantindo o 2 de julho de 1823 ao Brasil pela Bahia, a causa d'ella, sendo a d'elle, ella nunca egoista, porque patriotica, nobre, forte e heroica sempre.

« Salve, cidade da montanha,

« Rainha das cidades, salve. »

Esse cumprimento, deu-te um filho distincto, titular e poeta, esse cumprimento te e devido.

Mas que?... o que ha acontecido, depois de quarenta e sete annos? Vê-se o progresso ma-

terial, e o moral não. Ha telographos e vapores que encurtam as distancias dos campos e dos mares, ha estradas que se abrem, rios que se canalizam, emprezas para industrias; mas, a par d'isso, definha, pela falta de braços, da colonisação, a lavoura; o commercio é nenhum e todo estrangeiro! E sobretudo o povo é escravo, chamando-se para consolo livre, falto de todos os direitos, é perseguido, hostilizado hoje como outr'ora, senão mais, aggravado o soffrimento por ser de patricios!!...

Dia, foi isto que nos prometteste em 1823, raiaste para essa desgraça, 2 de julho? não. Um paradeiro, é preciso que se levante, e que os despotas e os tyrannos tenham de arrepiar carreira! valor não nos falta, intrepidez, bravura, heroismo, para louros e glorias, como Pirajá e Cabrito então, recentemente, no Paraguay, alem de muitos outros logares, em Tuyuty, Curuzú, Itororó, Lombas Valentinhas, Peribebuby, Aquidaban!!...

Mas porque o povo não é feliz? porque os poderes do Brasil, pela Constituição sendo quatro, se reduzem á um, á um sómente, no eleitor dos ministros; estes, representantes do executivo, factores de camaras—temporaria e vitalicia—com graças e ameaças e subornos e rigores, com oppressões e torturas, e as camaras, designadas e não eleitas, instrumentos de parafuso e tarracha, com vozes poucas independentes e livres, que não podem esconjurar borrascas e ruinas, e muito menos produzir beneficios!...

Dous de Julho, tu não devias raiar, quando alumias tantas desgraças e opprobrios, quando vens encontrar a viuvez e a orphanidade de muitos desvallidos, por que faltos de padrinhos, de empenhos, embora parentes de bravos e heroes, com justiça, mendigando o pão, e suas lagrimas escasseando risos, risos d'outros elevados e applaudidos, sem feitos reaes, muitos!...

Esconde-te, pois, ó dia, que a Bahia é um sudario e não paraizo, sendo essas gallas e prazeres mixtos de lucto e de dor!... todavia, por que foste um bem, foste um protesto, raia dia, e teu sol sê brilhante quando o povo na paz pode considerar o que tem e tudo emprehender para -- realmente -- ser livre!... neste sentido, Dous de Julho, salve, e sê bem vindo, hoje, como em 23, apasiguados os contendores, harmonisados o espirito do portuguez com o brasileiro que, carne da carne, osso do osso, com a mesma liagua e costumes, são amigos e mutuamente se prestam.

Sê, dia, talvez para o anno, na graça de Deus, o dia, como já historico, tutellar, privilegiado e benefico, elemento de toda prosperidade e gloria, não deixando nunca em es-

quecimento a legião dos patriotas soldados, operarios da Independencia, e martyres da liberdade, d'essa independencia e liberdade que gozaremos e nossos filhos e netos.

Salve, Dous de Julho, uma, dez, cem, mil, um milhão de vezes, salve!

Solemnisa-se hoje um dos maiores dias de gloria nos annaes da terra de Santa Cruz.

Nossos maiores nos legaram tres epocha brilhantes:

Em 1567 elles expulsaram do Rio de Janeiro os francezes que ali iam procurar ventura, apezar da heroica resistencia e dura guerra que lhe moveram os Tamoyos.

Em 1623 os hollandezes se viram forçados a deixarem esta heroica cidade.

E em 1822 o Brazil, depois de supremo e heroico esforço, traça com o glaudio seu nome no meio das nações livres.

Nos impulsos e aspirações da liberdade, os povos são como as aguas, cuja represa um dia quebrando-se, precipitam-se como de cima de um monte para fertilisar as campinas estereis e abrasadas pelo excessivo dos raios solares. Nessa pugna ingente não ha força que lhes resista.

Pois bem, o Brazil havia crescido e se fortificado neste solo abençoado, como a planta que nasceu e cresceu bafejada pelas auras vificantes de um ceu que lhe prometia todo o vigor da seiva, que lhe offerecia dos uberrimos thesouros. Um dia quiz ser livre, quiz erigir um altar da patria para nelle adorar a liberdade: porem não lh'o permittiam interesses alheios. Então travou se uma luta gigantesca, uma pugna titanica, donde sahio victorioso tanto braço valente.

Labatut é o busto syntetico que resume e representa ás virtudes guerreiras daquelles obreiros do progresso e benemeritos da patria.

Ao raiar deste diã todos os corações brasileiros tomados de entusiasmo e de assombro veneram e admiraram tantos feitos heroicos e tão ricos de beneficios a gerações por ver.

Foi na Bahia, onde se representou grande parte do drama de nossa emancipação politica, tambem foi ahi, que os sinceros amigos da patria viram o desfecho desse drama tão rico de peripecias.

Não podem portanto os habitantes desta cidade heroica serem indifferentes quando a ampulheta do tempo lhe traz tão prazenteiro e ornado de tantas glorias immorredouras o dia de hoje, verdadeiro marco collocado entre duas eras, entre dous longos periodos da

historia patria. Um (1500—1823) representa o tempo da sujeição, a epocha colonial e da escravidão; o outro (1823—1870) a epocha da liberdade, tão sonhada por Tiradente e pelo harmonioso Direcção.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
1.º de julho de 1870.

Officio a Illma. camara municipal, reclamando contra o nivelamento com que virá a ficar a ladeira da Cruz do Cosme, em virtude da escavação que está fazendo um proprietario, com o que não só torna a rua defeituosa, como prejudica aos demais proprietarios, pelo que deve essa municipalidade ordenar ao respectivo fiscal que passe immediatamente a embargar a dita obra e obrigue o proprietario a reparar o transtorno que tem causado.

—A' mesma, para que mande tapar os e normes buracos que ha na ladeira do Sa-boeiro, freguezia da Sé.

—Esta limpeza da cidade é um completo mangelorum.

—E' arrancar as entranhas do povo para encher as algibeiras de um feliz mortal.

—Que não põe reservas a desmarcada impavidez com que escarnece da opinião.

—Parece que tem mesmo gosto em apurar a paciencia da população.

—E que por acinte zomba das justas reclamações que se fazem no interesse do publico.

—Estou me convencendo disso, porque depois que se fallou do cisco deitado na Preguiça, por pirraça vão os carros ali todos os dias fazer despejo.

—Quem tem cara dura, tem cara de pau.

—Quanta incuria, quanta ineptia, que culpavel condescendencia da parte daquelles que devem velar pelo bem publico!

Receiam que a falta de accio, isto é, que diminutas porções de cisco dispersas pelas ruas possam alterar a pureza do ar e ser origem de perniciosos males; entretanto pagam a um homem 44:000\$ rs.....

—Afora o alho.

—..... para ajuntar pelas ruas tudo quanto é substancia immunda e corruptivel e ir aglomerar-as nas proximidades de um mercado, onde o povo ajunta-se todos os dias!

—Só por escandalosa protecção.

—Pois um pouco de palha, uma casca, atirada na rua pode arriscar a saude do povo, e o esterco em montões, os animaes apodrecendo, uma montureira enorme ao pé do mercado do peixe é que não faz mal?

—E o povo vae contribuindo forçadamente

para se esbanjar com quem coopera para seu mal!

—Nem fecham a capellinha, nem tiram o cavallo do Dr. Bomfim do pateo do hospital!

—Fallar em qualquer abuso nesta terra, é peor; é quando se faz mais ostentação em repetir-o.

—As irmans de charidade, essas mulheres tão religiosas, que commungam todos os dias; que andam de cabeça baixa, resmungando orações; que instam para que os empregados do hospital se confessem, e aquelle que, d'entre elles, nos domingos, não vae se pôr de joelhos a ouvir missa na capella do hospital, cabe na sua desaffeição; essas mulheres tão pias, tão charidosas, tão tementes a Deus, não dão cavaco que o tabernaculo consagrado ao Senhor, sirva de estribaria de cabras e cavallo!

—E o Sr. governador do arcebispado deixa passar o escandalo!

—Entre os casos desagradaveis acontecidos na noite de S. João, provenientes de fogos soltos, deu-se um digno de menção.

—E porque não o menciona?

—Jogaram, na vespera de S. João, muitos foguetes *busca-pés* na rua da Faisca.

O marechal Muniz Tavares estando na sala de sua casa, entrou um foguete e foi-lhe sobre o pescoço, ficando com o paletot e a camisa queimados, assim como tambem queimado um braço.

Depois que se viu livre das chammas da roupa que lhe ardia no corpo, chegou á janella para ver quem atirava os foguetes e reconheceu ser o inspector do quarteirão!

—Um agente da policia, sendo o primeiro a infringir as ordens de seu chefe!

De que serviu o edital da policia prohibindo os fogos soltos, si aquelles que o deviam fazer observar eram os primeiros a desrespeital-o?

—Capitão, falla-se n'um facto summamente grave.

—De que se trata?

—De um brasileiro, quo, dizem, fôra ajeitado na republica Oriental.

—Não será cousa de admirar da boa fé e lealdade com que nossos visinhos reconhecem os sacrificios que o Brazil por elles fez.

—O *Jornal do Commercio*, enumerando uma serie de attentados de que tem sido victimas os brasileiros n'aquella republica, refere assim:

«O primeiro, o mais estrondoso, foi o que se deu com um brasileiro de nome Leocadio

Bonnemeson, nascido de pae francez, no Rio Grande do Sul, e residente no Salto Oriental. Este homem, tinha papeleta de cidadão brasileiro. Tendo sido obrigado por Gregorio Castro, irmão do celebre general da alliança Henrique Castro, a assentar praça nas forças orientaes que marchavam agora para as operações contra Apparício, recusou-se a isso. Debalde apresentou sua papeleta de cidadão brasileiro: foi preso e açoutado! Tendo esse facto clamoroso chegado ao conhecimento do ministro brasileiro nesta cidade, este reclamou com toda a energia e dignidade, ao governo oriental. O governo parece que não deu ao caso a importancia que merecia. O que é certo é, que depois da reclamação feita, foi de novo açoutado o mesmo brasileiro, como por acinte.

«Esse facto data de fevereiro deste anno, pois de 15 de fevereiro é a data da reclamação contra o alistamento de brasileiro.

«Agora consta-me que tendo a legação do imperio exigido a demissão do *gefe politico* que commettera esses attentados, e tendo sido para esse fim mandados officios ao Salto, o portador delles voltou com a resposta de que o assumpto só podia ser resolvido pelo general Caraballo, que se acha, não sei á quantas leguas distante, na campanha.»

—Tudo nos ha de chegar!

—Diante de tão clamorosa atrocidade, si é exacta, o pundonor nacional, tão profundamente insultado, não pode ficar impassivel.

—E o governo deve sem demora tomar uma attitude séria em tão melindroso assumpto.

—Capitão, o trecho de uma correspondencia para o *Jornal do Commercio*, narra o seguinte episodio de um aviltante ultrage feito á dignidade da nação brasileira na Bolivia.

O irmão do ministro a quem se refere, bem como o Sr. Lopes Netto, se apressaram em desmentir.

Entendo que não basta o desmentido do irmão do Sr. Dr. E. Callado e do Sr. Lopes Netto.

O governo tem obrigação de esclarecer-se do facto e informar a opinião do paiz o que ha de certo; desaggravando em todo caso a honra nacional.

«No domingo ultimo houve no palacio um banquete com que o general Melgarejo quiz obsequiar aos amigos que o foram felicitar por ser o dia de seus annos.

«Houve varios incidentes dos quaes me bastará referir um so.

«Parece que o general achava-se muito impressionado com a noticia da morte de Lo-

pez, que havia recebido pouco antes. O facto é que em seu primeiro brinde depois de dar os agradecimentos aos concurrentes que se haviam dignado acompanhá-lo nesta occasião, expressou-se pouco mais ou menos nestes termos:

«Seja-me agora permittido exprimir um sentimento pessoal. Ha pouco que se me disse que o general Lopez, vencido em um ultimo combate desigual, foi cobardemente assassinado por seus inimigos. Isso seria selar com uma ignominia a mais ignominiosa das emprezas.

«Eu, o general Melgarejo, lamento com toda a minha alma a morte desse heroe, do soldado que soube fazer do Paraguay uma Numancia moderna. Não sei se effectivamente era um tyranno, um monstro sem exemplo, porem sei que contra elle tem havido muitas calumnias, o que foi o primeiro patriota paraguayano que defendeu sua independencia, até o sacrificio, até o heroismo. Ah! quando considero que.....

«A' dor embarga a voz do general, e seus olhos se enchem de lagrimas, e não pode concluir a expressão de sua idéa.

«—Verdade é, ajuntou pouco depois, que eu sou condecorado com a gran-cruz da ordem imperial do Cruzeiro do Brazil; porem protesto.»

«E ao dizer essas palavras procura no peito a medalha com a intenção determinada de despojar-se della. Porem, por desgraça, não a trazia posta naquelle momento.

«—Peco, continúa, que os que sejam amigos da causa que defendeu Lopez se ponham de pé para beber por elle um copo de vinho.»

«Todos se poem de pé, inclusive o encarregado de negocios brasileiro Dr. Eduardo Callado, e seu secretario que se achavam presentes.

«O presidente que notou essa anomalia, a qual não sei como qualificar, em um representante diplomatico, se dirige a elle com estas palavras: «—Pode sentar-se o senhor, isso não lhe compete.»

«—E' que eu sou amigo pessoal de Lopez, respondeu o Sr. Callado, a quem mui pouco antes se tinham ouvido palavras de felicitação pela morte do heroe, a quem todo mundo conhece como o inimigo mais encarniçado do Paraguay, o do tado quo lho pertence. Tal procedimento não se conta, nem se explica decorosamente.»

—Si isto é verdade, eu é que me calo e não faço commentarios.

## A PEDIDO

—A cabra Manuela, moradora ao Engenho da Conceição, tem um pedaço de lingua!

—Uma navalha afiada não a ganha.

Todos os dias está em questão.

—E já traz estudado um vocabulario de phrazes torpes e sujas para despejar sobre aquelles a quem injuria.

—E' preciso recomendar-a aos cuidados de quem pode fazel-a passar alguns dias na Correccão.

—Frade, para que anda seduzindo a moça?

—Pelo contrario, pretendo apatrocinar-a.

—Frade, o patrocínio que V. pretende dar-lhe é atiral-a na prostituição.

Pois é esse o preceito de sua ordem?

Onde está a pobreza e humidade nesta acção, tão reprovavel para qualquer homem, quanto mais para sua classe?

—Sr., minhas intenções são puras.

—Que refinada hypocrisia encobre este habito com que V. illude ao mundo!

—Seja por S. Francisco!

—Como é refalsado!

Um dia, entrou V. em uma casa onde estava de visita, com sua velha mãe, uma moça pobre, mas bella. Estendeu para ella olhos cubicosos e sahiu dali com pensamentos lubricos e desejos sensuaes. Quando voltou para vel-a, não a encontrou mais, nem lhe disseram para onde tinha ido.

Mas o diaho em sua obra do mal, facilita os meios aos que lhe servem de instrumento. Por acaso, passando V. pelo Maciel de baixo, deu com a velha na janella de uma casa.

«—Então, é ali que mora? foi sua pergunta.

«—E', Sr. padre, não quer entrar?

Cabiu-lhe a sopa no mel.

Desse dia em diante, frequenta V. todos os dias a casa, leva presentes, escreve cartas, da beliscões as escondidas, pede beijos e abraços.

A outra familia que mora tambem na casa tem bufado com o escandalo e até já houve o plano de expulsal-o a trote, mas em attenção ao seu character de sacerdote, guardam algum escrupulo, como si fosse digno de respeito aquelle que não honra a classe a que pertence.

—Estou a repetir que eu so desejo apatrocinar a menina.

Frade, o patrocínio de S. Antonio precisa ella para não cahir no laço seductor que lhe arma V.

(Continúa.)

—A sociedade lusa de Beneficencia *Uma duzia e quatro* do mez de *Senhor da Cruz*, deliberou, contra os preceitos dos estatutos, e precedentes antigos, que a despeza da *enfermaria*, fosse feita em cada mez, por um socio opulento na qualidade de mordomo; de sorte que, quando toca a algum sumitico, que tem pena de apartar-se dos cobres anda tudo n'uma miseria!

Isso tem feito com que muitos socios se tenham despedido e até um já annunciou pelo *jornal* que não queria ser mais socio em razão do mau tratamento que lhe deram.

—Assim como os que não forem socios terão escrupulos de entrar.

—O socio Motta João dos Santos, ao serviço de *Joaquim José ferreiro*, ao *caes de Prata*, entrou para a *enfermaria* e de lá sahiu com queixas tão amargas que escreveu a um dos directores, dizendo lhe que ali não passava de uma casa de regalos para os que governavam; que os socios necessitados eram maltratados e nenhum beneficio recebiam, o que era o mesmo que enxotal-os da communhão.

O socio Rodrigues José Sebastião enlouquecendo, e depois de ter estado em uma casa de saude alguns dias, por que a sociedade não o quiz receber, sahiu com visiveis melhoras e então foi admittido na *enfermaria*, onde logo peiorou.

Pelo muito cuidado que la ha, o louco n'um bello dia, largou-se, vem á sua casa n'uma rua que não está *calçada*, espanca toda gente de casa e volta pacificamente para a *enfermaria* e vae deitar-se em seu leito!

Continuando o deleixo, dias depois o hallucinado conseguiu evadir-se de novo e andou pela cidade sem chapéu, descalço, e apanhou um forte aguaceiro tendo um visicatorio aberto sobre a nuca!

—O Sr. parece estar muito queixoso.

—Por ver o falseamento, o fim diverso que dão a uma instituição pia e humanitaria, a qual nas condições actuaes, pode-se bem classificar de um espelho de amostra; onde so se trata de aformoseamento e nada de beneficio.

O socio precisado para receber socorro lucta com mil embarços, e si não tiver padrinho morre ao desamparo.

—Como V. diz o dinheiro com que elles contribuem é o mesmo que atirar no fundo do mar.

—Isto é o diabo!... parece mais uma extorsão do que uma lei!

—O que tem, minha Sra., que está tão agoniada?

—Pois, Sr., alem da miseria em que hoje

vive o pobre, lutando com a carestia dos generos alimenticios, com a exorbitancia dos alugueis de casas, ha de vir para contra-posito esta lei iniqua, que obriga o inquilino a pagar tambem impostos em relação a casa em que mora; e, ainda em cima, pagar-se multa, quando não se é pontual em satisfazer semelhante vexame?

—Tenha paciencia, minha Sra., este partido que está de cima é o *regenerador que veio salvar o paiz do abysmo que o ameaçava...* e, por isso *conserva* tão pesado tributo sobre o povo, legado que lhe deixou o seu antecessor.

—Diabo leve semelhante *regeneração*, semelhante *ordem* e semelhante *systema* de governar. Praticando actos que reprovou, quando estava fora dos macios coxins do poder, pois inda me recordo de ter lido no *Jornal* que o paiz daria em banca-rôta com a emissão dos trinta mil contos em moeda papel, apesar de ser feita debaixo de formalidades legais; assim como a grande censura que se fez sobre o projecto dos impostos pessoases, não posto em execução.

—Na verdade o que a Sra. diz é exacto.

—Me diga, Sr., quem será mais violento e arbitrario, o que fez e não usou, ou o que pôz em execução? Quem fez emissão de trinta mil contos legalmente, ou quem, despoticamente, depois de haver censurado, impôz uma emissão de quarenta mil contos?

—Si combinarmos as violencias com os numeros dos contos de réis, está provado, que mais violento é o que fez quarenta mil indevidamente, do que aquelle que fez trinta mil, legalmente.

—Sr., eu só sinto não ser homem, ou uma destas *senhorinhas* gaiatas para esfregar esta cambada no *Alabama*.

—Ora, minha Sra., pelo que vejo, Vmc. inda está no mundo da lua! Pois se persuade que a maior parte dos homens de hoje, principalmente os politicos, se importam com gazetas?! E' malhar em ferro frio. Elles trazem as caras cobertas com espessa lamina de aço, cuja tempera é semelhante a de buril, ou de bigorna, que por mais que os ferreiros lhe batam não fazem móssa; e é por essa causa que não mostram certa qualidade moral, que vulgarmente se chama—vergonha.

—Eu lhe creio, meu Sr., porque é preciso ter a alma muito calejada para atirar a patria sobre o precipicio de um sorvedouro insondavel,

—Ingratos!..... sem almas..... surdos aos soffrimentos do povo... só sabem quando estão de baixo, fazer mil promessas e censurar aos que estão de cima. Mas quando sobem ao poder é para arrancar o suor do pobre povo

para encher as algibeiras dos adeptos queridos.

—Tenha paciencia, minha Sra., havemos de melhorar de sorte quando subir a minha gente; então desaparecerão estes despotismos, segundo as *reformas* já annunciadas.

—Ora deixe-me, Sr., todos são a mesma cousa. Sempre vivemos em esperanças e nunca vemos melhoras, cada vez vamos a peor, só nos falta pagar impostos sobre as vezes que dormimos, as vezes que comemos, as vezes que bebemos, as vezes que vamos ao penico; enfim Sr...., não me faça fallar asneiras.

—Oh minha Sra. até ver não é tarde.

Adeus, tenha um pouco de prudencia, pois está na mão do povo o melhorar de sorte.

—Capitão, estou horrorizado!

—Então o que ha?

—V. Ex. conhece o *Dr Trincu*?

—Ora sebo; pois V. ja viu algum homem chamar se *Trincu*!

—Pois não, capitão, até mora em uma rua de *terceira ordem*.

—V. está caçoando!

—Juro-lhe por *S. Francisco* que estou fallando serio.

—Então diga o que aconteceu que estou com pressa.

—Eu princio.

Defronte do tal *Dr.*, mora uma mocinha conhecida por *Nanasi*; esta mocinha que poderá ter, quando muito, 14 annos, vive em companhia de uma crioula sua madrinha, que apesar de suas pequenas posses, trata-a sinão com luxo, com alguma decencia.

O sobredito *Dr.*, tendo de retirar-se breve para a provincia de *Nambuperco*, onde pediu uma moça em casamento, que vai realisar agora, escreveu duas cartas a mocinha *Nanasi* mandando com a primeira 10\$ rs. de *presente*, e igual quantia na segunda com a seguinte proposta pouco mais ou menos concebida nestes termos:

«Tendo de retirar-me muito breve para a provincia de *Nambuperco*, onde tenciono casar-me com uma moça que ja pedi para este fim, vou propor-lhe para V. fugir de casa de sua madrinha e ir conmigo para a dita provincia; ali alugarei uma casa para V. e ficará sendo minha amantel!!!! porque como ja lhe disse vou casar-me, e so fico com V. como minha moça!!!!»

—E esse seductor, diz V. que é formado!.....

—Em direito, sim senhor.

—Em direito, duvido, so si for em seducção; mas fique descansado pois vou mandar avisar o chefe do policia para que esteja

prompto para, si accaso der-se isso, mandar logo a bordo do vapor; assim como tambem será uma obra de caridade avisar a madrinha da menina para que esteja alerta.

—Não será bom mandar tambem um aviso para *Nambuperco*?

—Não é mau.

—Muito obrigado, capitão. Vamos ver se tiramos esta victima das garras da prostituição!

### Motte

*Eu vi Luciosinho eu vi.  
As pauladas la rolando.*

### GLOZA.

Quando a ladeira eu subi  
Mancinho, como o favonio,  
Na fonte de Santo Antonio  
*Eu vi Luciosinho ou vi.*  
Alem um andar senti  
Para o rosal caminhando,  
E de ca fiquei bispando  
A ti, que por borra amavas,  
Mas tu correndo deixavas  
*As pauladas la rolando.*

Lê-se no *Diario da Bahia*.

### SENTENÇA.

Vistos estes autos, etc. Reformo a sentença, fl. 54, que condemnou ao appellante Simberto Fernando Alvares Ribeiro nas penas do grau maximo do art. 237, § 3, de referencia aos arts. 230 e 236, §§ 2 e 4, do codigo criminal; em consequencia de queixa do appellado conego Dr. Jacintho Villasboas de Jesus, por injurias impressas no *Diario da Bahia*, ns. 69 e 73, de 25 e 31 de março proximo passado, á fl. 3 e 4; porquanto reconhecendo a mesma sentença, e sendo expresso no citado codigo, art. 7 §§ 2 e 3, que para dar-se a criminalidade dos autores em taes publicações é indispensavel a respectiva obrigação de responsabilidade, ou, por outra, a exhibição do escripto, por cuja obrigação se tivessem responsabilisado, vê se que nas que serviam de fundamento a referida queixa se não deu similhante formalidade, tão expressa e positivamente exigida na lei; não podendo considerar-se satisfeita pelo meio que se empregou no escripto de fl. 8 (unico assignado pelo appellante) com as palavras que se lêem em seu fecho—Obrigo-me por esta publicação. Era supra,—quando não se faz certo que taes palavras ou declarações fossem do appellante, e pelo contrario o que está verificado e liquido, ja pelo exame de fl. 85, já pelo certificado de fl. 78, é não so que ellas são de letra e mão differente que

não do appellante, como ainda que assim fez-se calculada e dolosamente, depois ja de datado, firmado e reconhecido aquelle escripto, procurando-se o pequeno claro que mediava entre a data e assignatura do appellante para encherter-se aquellas palavras acanhadamente; quando a serem postas, ou mandadas pôr, pelo appellante, seriam resalvadas por nova assignatura, como se faz nas entrelinhas ou addicionamento, e sem a qual de nenhuma fé ou valor juridico podia gosar; e muito menos, qualificar-se de obrigação de responsabilidade, de que trata o codigo no supracitado art. 7, cuja falta nunca se daria se com abuso facil podesse ser supprida, tornando-se irrisoria a recommendada exigencia do codigo, que, sendo fundada em direito, podia sua falta ser allegada, e della aproveitar-se o appellante a todo tempo em sua defeza. Não podendo tambem prejudicar ao appellante haver o seu advogado declarado no começo do processo ser com effeito do mesmo appellante o mencionado escripto de fl. 8, que se havia impresso a fl. pois que não é na autoria do escripto, e sim na obrigação de responsabilidade pela respectiva publicação que a lei faz consistir a criminalidade, como claramente se collige das palavras do referido § 3.º—Autor que se obrigou,—e—por escripto,—como vem em apoio dessa intelligencia os §§ 1 e 2, que o precedem; em vista do que menos pode prevalecer a opinião em contrario de um ou outro escriptor, quando ha direito expresso que resolve a especie.

Por tanto, e o mais dos autos, reformando a sentença a fl., e julgando improcedente a queixa de fl., della absolve o appellante Simberto Fernando Alvares Ribeiro, e condemno o appellado conego Dr. Jacintho Villasboas de Jesus nas custas. Bahia, 28 de junho de 1870  
—Francisco Vicente Vianna.

## VARIÉDADES.

### Energia de um esposo.

Um pobre trabalhador na provincia de S. Paulo, ao recolher-se para a sua casa encontrou sua chara metade em flagrante delicto de infidelidade. Com uma fleugma mais allemã do que paulista, foi ao quarto, tirou a sua faca da immensa bainha de couro que a guardava, e sem estrepito nem matinada, de um so golpe cortou o fio de duas existencias que o trahira, e o perfido que o insultara roubando-lhe um amor que elle obtivera em troca de sua liberdade e vinculado por sagrado juramento. Em acto successivo o cai-



pira foi a presença da áuthoridade e a si denunciou-se. Preso e mettido em processo compareceu no ribunal do jury. Ao formar-se o conselho, e tendo o reu declarado que não tinha nem queria advogado, foi lhe dada a palavra para dizer por seu direito o que tivesse a allegar.

Depois de haver recusado 12 jurados, ao findar a accusação, levantou-se o reu, e com placidez de animo, como si se tratasse de um facto muito commum e natural, começou explicando a causa de haver dado por suspeitos aos jurados que lhe não mereciam confiança. Não acrediteis, disse, que tenha contra vós má vontade, si nem vos conheço?... Ha porem, entre nós um abysmo que nos separa: vós sois solteiros, não sabeis o que é o laço do amor conjugal, entretanto que eu de mais o sei, pois que aqui estou sentado tendo sobre minha cabeça a espada da justiça. Não era possivel que esta espada, dando-me a lei o direito de arrancar-a das mãos dos que me não inspirassem confiança, eu a conservasse nas vossas, celibatarios, que não comprehendes as amarguras que soffri quando vi o meu amor ultrajado por esses infelizes que succumbiram aos golpes de minha faca. A vós, jurados, que vos sentaes nessas cadeiras da lei, a vós que não vos é extranho o amor que um homem tem á sua mulher, porque cada um de vós tambem é como eu era—casado, pensae o que eu soffreria, e si julgardes que devo ser punido condemnae me, si não absolvei-me.

O orador, commovido, porem conservando sua habitual fleugma, sentou-se, enchugando com a grosseira mão uma lagrima, que talvez fosse a primeira que em sua vida derramasse.

O reu foi absolvido sem estrepito nem applausos. Não diz a chronica si o caipira tornou a casar, ou si vive em divorcio, exconjurando o sexo fragil.

N'uma taboleta lê-se:

Luvax de pellica de senhoras de todas as qualidades.

### Maximas do amor.

O amor por interesse

Só quando lucra é que cresce.

O amor por sympathia

Cresce mais de dia em dia.

### As meninas da moda.

Em um baile, encontraram-se duas das nossas moças que costumam imitar exageradamente a moda das damas do Alcazar, com vestiario muito indecente e a cara cheia de

côr; chegando-se a um estrangeiro que ali estava, lhe perguntaram:

—Sr., que tal nos achas?

—Minhas Sras., respondeu o estrangeiro, eu não entendo de pintura.

### Tres sexos.

Em uma casa de banhos em Paris appareceu a seguinte divisão escripta em uma tabella, na entrada principal de cada banheiro:—Sexo masculino, sexo feminino, sexo ecclesiastico.

## ANNUNCIOS.

### A' rapazeada.

Na casa junto á bibliotheca, franqueia-se a amavel rapazeada apreciadora do que é bom uma casa commoda e decentemente preparada, onde encontrará tudo quanto é confortavel ao paladar.

Tambem os que sabem dar apreço a uma pinga excellente poderão concorrer, por que serão servidos do que ha de mais exquisito no genero.

Os doces são preparados pela mais afamada doceira da capital.

A vista faz fé; cheguem e verão.

Quem for o dono de um casal de gansos, desaparecidos ha dias, procure nesta typographia, que se lhe dirá onde se acham; devendo pagar as despezas do presente annuncio e o tratamento dos mesmos.

Vende-se a venda com armação ou sem ella, na rua do Fogo em Itapagipe, a tratar na Ribeira, n.º 67.

### Juizo municipal da 1.ª vara.

Correm praças nos dias 25 do corrente e 6 do mez de julho vindouro, a porta do Forum, pelo juizo municipal da 1.ª vara e cartorio do tabellião Rodrigues da Costa, as seguintes propriedades:—uma de n.º 99, sita ao forte de Santo Alberto, freguezia do Pilar, terreno proprio, que deve com as terras de Nossa Senhora da Lapinha, no valor de rs. 1:500\$; outra, de n.º 121, sita ao mesmo forte, tambem em terreno proprio, com a mesma divisão, no valor de rs. 1:100\$; outra, sita á rua nova do Queimado com tres frentes principiadas, em terreno tambem proprio, no valor de rs. 1:000\$, as quaes são pertencentes ao casal dos fallecidos José Ricardo do Sant'Anna e D. Maria Joaquina de S. José. Bahia 20 de junho de 1870.

Typ. de Marques, Aristides e C.

# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 67.ª

SABBADO 9 DE JULHO.

Ns. 667—668.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
8 de julho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Santa Anna, chamando sua attenção para uma quilombola, residencia de gente escrava e individuos de indole pessima, á travessa do Castanheda, onde perturba-se o socego e desacata-se a moral por maneira tão desabrida, que o clamor da visinhança é unanime.

Consta que uma vez ja S. S. dera nesse valhacouto da canalhocracia, mas que passados dias, continuaram em seus desregramentos; pelo que pede-se a S. S. que de novo os tome sob suas vistas.

—O que me diz sobre o Dous de Julho?

—Estive encommodado; pouco ou nada vi.

—Está commigo que nada apreciei.

—Sei apenas que no dia 2 fez-se a entrada triumphal dos carros accompanhados pela guarda nacional muito resumida e pelo povo, cuja concurrencia tambem foi pequena, em relação aos mais annos.

—Eu achava mais bonito quando a tropa ia de madrugada acampar na Lapinha e la tocava alvorada.

—E era.

Houve o costumado *Te-Deum*, ao qual notei falta de comparecimento de diversas authoridades, bem como de alguns membros do corpo consular; o sermão foi bom.

A' noite spectaculo no theatro e illuminação no Terreiro; pouca gente em ambas as partes; nos vivas o povo fez ouvidos de mercador.

Achei feio o modelo do palanque; a construcção tinha seus defeitos; a illuminação, apesar de abundante, não produzia effeito, pela falta de symetria; a pintura estava monotona; tinha um verde e amarello assemelhando-se ao traje de mulher tabarca.

Pareceu-me que havia uma certa frieza, não sei si foi engano meu.

Ainda este anno reproduziu-se o deponente spectaculo das pateadas em quem ia recitar. E' um systema estúpido: no dia de maior jubilo para o povo, uma parte desse povo applaude a grandeza de tal dia com vaias e chorrilhos em seus patricios, que pretendem cantar-lhe as glorias! Eu entendo que quem não gostar de uma cousa não assista, não applauda, mas tambem não maltrate.

—A authoridade competente é que deve fazer retirar do palanque algum desfructavel que va provocar hilaridade com poesias e discursos bombasticos, mas o povo nunca deve patear.

—Não diga o povo, os capadocios; a maior parte dos quaes são insufficientes para julgar do merito daquillo que reprovam.

—Uma scena grotesca que produziu grande balburdia, foi a lembrança que teve um policial de arvorar as *armas de S. Francisco*, para esconjurar dos garotos que o debicavam com assovios e trotes, pela attitude burlesca com que se apresentou no palanque.

—São engraçados!

—Um abuso intoleravel é malta de cavalleiros e carros por entre o ajuntamento de povo; nas tres noites houveram sempre pisadellas, carreiras e encontrões, quando se tocavam os foguetes.

—E' gosto imprudente; para dizer que são bons cavalleiros, esbravejam de proposito os cavallos, causando sustos as senhoras.

—Não sei o motivo porque cortaram á *franceza* a formosa cabelleira do caboclo...

—Onde vê dá para um excellente coque.

—... nem a razão porque substituiram uma rica bandeira que havia no carro da cabocla.

Achei inconveniente que os barracões destinados áquelles symbolos nacionaes ficassem servindo de transito pela falta de uma gradaria que os circulasse.

—Não dispensa nada, arre!

—No dia 5 foi a guardada dos carros. Demoraram o acto para muito tarde, do sorte

que os carros foram levados como quem ia corrido da justiça; não se dando attenção aos poetas que peliam para recitar, o que achei folta de consideração.

—Dizem que houve calculo com o fim de evitar que alguns vates desabafassem o peito.

—A volta, não fallando em duas cabeças quebradas e pequenas desordens, fez-se em ordem.

E aqui terminaram os festejos do Dous de Julho este anno e eu tambem tudo que sei.

—Enganou se, ainda ha no domingo em Brotas, depois no becco do Funil os meninos e em outros logares.

—Capitão, consta....

—O que consta não é certo.

—.... que um portuguez de nome José da Costa Godinho, morador á ladeira do Alvo, castigou por algumas noites, uma sua escrava, parda, de maneira fora do commum.

Dizem que no domingo apanhou até cinco horas da manhan, e na segunda-feira ate uma hora da noite.

—Assim é barbaridade.

—Não sei si é verdade; mas pelo sim, pelo não, seria bom ver-se isso.

—Sua opinião é aceitavel.

Ha senhores tão deshumanos!....

—O commandante da corveta *Duque de Palmella*, no dia Dous de Julho não quiz içar a bandeira brasileira no vaso portuguez.

—V. está enganado; eu não só vi o pavilhão brasileiro arvorado na corveta, como esta salvou á uma hora.

—Depois que o chefe da estação foi á bordo reclamar.

—Mas qual o motivo dessa omissão?

—Disse que ignorava.

—Acho muita innocencia. Um official da marinha portugueza ignorando um factô tão notavel da historia de seu paiz!

—Entende muita gente que deve punir faltas dos que lhe são adherentes, tornando-se carrasco de seus semelhantes.

Eu detesto atrocidades.

—Mostra que é humano.

—Estiveram agora me dizendo que na madrugada do dia 5 um individuo trancara-se em uma estrebaria e ahi castigara desapiedadamente uma criança.

—Em que paragem?

—Na Estrada Nova.

—Ora, a Estrada Nova é tão extensa.

—Ao dobrar a estrada que vae para Quinta. Dizem que negocia em animaes.

—Serye; eu vou mandar incumbir ao José

Apolonio do Rego, que mora por aquellas paragens, se me descobre quem foi, e depois levarei o caso ao conhecimento do chefe de policia.

—Acaba de ser publicado um folheto intitulado *o Duque de Caxias e a guerra do Paraguay*, estudo critico e historico, pelo sexto-annista da faculdade de medicina e ex-1.º cirugião em commissão do corpo de saude do exercito em operação no Paraguay, Satyro d'Oliveira Dias.

—Já fui obsequiado pelo seu author com um exemplar desta interessante obra e agradeço-lhe a offerta.

—Hontem andava pela cidade baixa uma mulher parda, banhada em sangue, com a cabeça quebrada, e o corpo cruelmente maltratado.

—O que seria?

—Dizem que é escrava de um Dr. Cardoso e que a senhora deste foi quem a castigara tão deshumanamente.

—Parece que a humanidade em logar de aperfeiçoar-se vae se barbarizando!

Que pronunciada tendencia para a fereza! que gosto de martyrisar o proximo!....

—Desabou, pelos lados do fundo, um pedaço de parede da casa nº 1, na rua do Bispo, e o resto acha-se desaprumado e rachado.

—E' bom cuidar em evitar em tempo alguma desgraça.

—Adeus, rapaz, como vaes?

—Menos mal, e você?

—Soffrivelmente. Que novidades ha?

—De nada sei. Eu é que queria lhe perguntar para quando ficaram os festejos patrioticos.

—Quer ouvir um conselho de amigo?

—Quero.

—Não se lembre disso.

—Porem, está tão demorado!....

—Peior, não sabe que o melhor da festa é esperar por ella?

—Uma desordem tamanha, quatro pessdas feridas, tanto sangue derramado e a policia não dá novas de si!

—Aqui na rocinha do Barros ja é o fecha; o sarceiro começou no Maciel de Cima.

—E de lá até aqui, nem um só agente policial ouvia tanto alvoroço, o retumbar dos gritos, o estrondo dos cacetes, o timir das garrafadas!

—A creoula Semiana, moradora na horti- nha do Barros, entendeu que devia accam-

lar dous proveitos n'um sacco. A ladina rapariga desempenhou seu papel com tanta finura, que o creoulo Manuel Roque e o pardo Augusto, não suspeitavam que eram rivaes, vivendo cada qual na illusão de que era o unico que gosava os afagos da travessa dulcinêa.

—Mas o diabo que é judeu, quiz que na segunda-feira á noite se encontrassem os tres em um botequim.

Manuel Roque, de cabeça inchada, começou a pagar vinho, Augusto tomou por afronta; aquelle quebrou a cabeça de Semiana e feriu a Augusto; Honório toma o partido desta; Augusto vae se armar e fere Manuel Roque pelas costas; os filhos de Semiana quando vêem a mãe ferida, sahem como possessos para a rua, um de bayoneta e outro de faca de ponta em punho; o inspector de quartirão que vê o sarceiro tranca-se em casa.

—Que angusada por causa de uma mulher!

—Em assumptos de fidelidade, a creoula Semiana, é folha de patioba.

Ainda conserva sevicias das pancadas que levou a 26 do p. p., na ladeira do Carmo, dadas pelo pardo Domingos, em cuja companhia viveu muitos annos, despeitado por enconral-a em flagrante contrabando!

—Eu não sei que mal fizeram os habitantes desta cidade ao homem do cisco.

—Pelo contrario, das costas do povo sabe uma boa parcella de dinheiro que reverte ás algibeiras delle.

—Parece que o homem encarregou-se da lugubre missão de devastar a terra, predispondo as cousas para uma peste!

—O homem anda atraz de seu interesse; quer ganhar muito com pouco trabalho.

—As Quebrancas, na freguezia de S. Pedro, é um verdadeiro foco de infecção.

As materias ali accumuladas quando entram em decomposição, hão de por força causar damno a saúde publica.

—Eu só digo que quem acha encaixa; e arrenego do cachorro que lhe dão o osso e não roe.

—Capitão, este biltresinho encontrei em uma depravada experiencia.

Si Sodoma existisse, valia a pena mandar o patife para lá nutrir seu genio.

—Quem é este garrote?

—O caixeiro d'uma tulha na praça.

—Sei, uma especie de alcouce, onde não é a primeira vez que se dão scenas de libidinagem; não ha muito a subdelegacia andou as voltas por lá.

—Ahi mesmo. Este safado, mais concupis-

cento que um bode ocioso, encontrei a fazer um estudo especial de dedos, chamando para coadjuval-o na operação duas innocentes meninas, que nada entendiam do que elle pretendia executar e das quaes a maior, podia ter nove annos. Eu e o Galliza barbeiro fomos que as arredamos daquelle conloio brutal.

—Bem; vou dar-lhe a tarefa de apalpar as gallinhas de bordo.

—Nada, capitão, antes mande pelo muxin-gueiro amassar-lhe os pollutos dedos que se prestam a tão immoral mister.

—O empresario do cisco está estudando os meios de, com a maior presteza e possivel perfeição, fazer o serviço á seu cargo.

—A quantas lucubrações não se terá dado elle, quantas noites de vigalias não terá passado para chegar ao cabo de tão difficil ramo dos conhecimentos humanos!

—Declara que o serviço agora principia á meia noite.

—Por isso mesmo é que ás 11 horas do dia as ruas estão immundas, quando não ficam por mais de um dia.

—Convida aos habitantes da cidade a irem alistar-se como contribuintes da insignificante quantia de 500 rs. mensal.

—Na verdade, é bagatella; para um artista que ganha 1\$200 ou 1\$600 por dia, e que paga impostos directos e indirectos; que leva tres mezes no serviço da guarda nacional, é inegavel que não é sinão nada, mais essa pequena carga de 6\$000 rs. annuaes, em favor do homem predestinado em materias de lixo.

—Mas, como o fim delle é limpar tudo... que remedio ha sinão sujeitar mo-nos?

—Os soldados de policia podem andar armados?

—Isso é pergunta que se faça? para quem V. dous olhos estampados na cara?

—Quem não sabe pergunta, estou que não é defeito.

—São perguntas que não se fazem.

—Mas então, diga-me, elles estão fora da acção da lei?

—V. si não é simplorio faz-se. Como si farão respeitar os agentes da força publica, si não trouxerem consigo um meio de defeza?

—O que eu pergunto é, si podem usar de armas prohibidas.

—Ora um a fallar e dous a entender.

—Como eu vi na terça feira dous delles, que parece estavam de guarda ao palanque, entrarem em uma venda ao Terreiro e um puchar por um formidavel punhal para descascar mangas, lembrei-me de perguntar.

—Commetteu um crime como qualquer outro.

—E o mais bonito foi que quando acabaram de comer as mangas não quizeram pagar a preta.

—E' uma policia modelo esta nossa!

—O homem do cisco annuncia que está no deliberado proposito de melhorar quanto lhe for possivel o acao da cidade.

—Ou é gracejo?

—E pede que quem presenciar qualquer falta lhe communique, para elle providenciar.

—Elle que vá enganar aos tolos.

Eu vejo se bradar ahi todos os dias contra a porearia e os monturos que se vão augmentando na cidade.

—Os correios no Brasil não inspiram confiança; servem pessimamente.

—E' um dinheiro mal gasto, o que se da.

—Paga se e não se tem segurança; as cartas e jornaes são extraviadas.

—Ora veja: ha seguramente oito mezes que não recebiamos o *Jequinhonha* da Diamantina; agora nos escreve sua redacção dizendo que tem sido pontual na remessa e reclama por sua vez; o mesmo acontece com o *Parahyba* de Guaratinguetá e o *Estandarte do Espirito Santo*.

—E' um dos tributos peiores que o povo paga; porque, além de mal servido, é lesado.

—O Dous de Julho vae a expirar!

Já não ha mais neste dia as demonstrações patrioticas de outr'ora.

As casas não deitaram illuminação nas suas frentes, á excepção das sociedades Campesina, Monte-Pio dos Artistas, Monte-Pio dos Artifices, Desvalidos e Terpsychore, que sobre-sabiu a todas, e uma ou outra casa particular.

O theatro que antigamente era decorado com solemnidade, para o espectáculo em grande gala, que nesse dia se fazia, este anno esteve até com as luzes do saguão amortecidas.

Antigamente, ainda o anno passado, esteve no theatro uma guarda de honra; este anno, porem, foi um piquete, como costuma ir para os espectaculos communs.

O presidente da provincia chegou tarde para dar os vivas do costume, diante da effigie do imperador, e os rapazes estudantes cansados de esperal-o, entretinham-se alguns em patear a orchestra, porque entendiam que ella devia levar tocado, sem descanso, até que chegasse S. Ex.

—E' tambem um proceder inconveniente dos espectadores patearem a orchestra, quan-

do sabem que ella não pode tocar, enquanto não tocarem a sineta dentro da caixa do theatro tres vezes.

—Isto não parto dos espectadores, façamos-lhes justiça, e sim de meia duzia de capadocios, escoria da sociedade, e alguns estudantes, escoria da classe a que pertencem.

—Deixemos isso e vamos a narraçáo do Dous de Julho.

A' uma hora foram conduzidos do pavilháo da Lapinha para a Praça do Conde d'Eu os emblemas triumphaes de nossa independencia, seguidos pelo povo, pela companhia de caçadores a cavallo, pela guarda nacional, pelo batalhão patriotico dos caixeiros e uma meia duzia de cavalleiros.

Houve o *Te-Deum* do costume, ao qual assistiu as authoridades e algumas pessoas.

Findo o acto religioso, S. Ex. o Sr. vice-presidente da provincia descerrou as cortinas da effigie de S. M. o imperador e deu os vivas costumados.

A commissáo dos festejos entregou tres cartas de liberdade,

—Bravo! muito bem!

—Durante as tres noites illuminou-se o palacete da Praça do Conde d'Eu.

A illuminação do palacete esteve muito clara; mas a planta da obra foi muito mal tirada e sem poesia.

Os carros triumphaes não ficaram, como era costume, na Praça da Piedade, e nem lá foram, conservaram-se na Praça do Conde d'Eu, debaixo de dous barracões para isso preparados.

—Illuminou-se mais, alem dos logares mencionados, a camara municipal, palacio da presidencia, e o do arcebispado, a eschola de medicina, o quartel-general e a secretaria da policia.

—A casa da relação e o commando superior fizeram economia nesta parte.

—No dia 5, pelas 6 horas da tarde, regressaram os emblemas de nossa emancipação politica para serem depositados na Lapinha, em seu pavilháo, tendo ido primeiro até a Piedade.

Acompanharam os emblemas os batalhões patrioticos—*Caixeiros Nacionaes*, *Defensores de Pirajá* e *Minerva Dous de Julho*, este batalhão, sob a direcção do distincto patriota Francisco Alvares dos Santos, ao chegar á Praça do Conde d'Eu, deu carta de liberdade á uma criança de 5 annos, mais ou menos.

—O professor Francisco Alvares dos Santos, todos os annos, por Deus de Julho, sempre pratica d'esses actos de humanidade—liberdade ao escravo!

Alguns cavalleiros e muito poucas pes-

soas acompanharam os symbolos do nossa emancipação, achei muito frio este anno o Dous de Julho!

—E como não ser assim! O povo vive carregado de impostos sobre impostos; o commercio todo estrangeiro; os artistas morrendo á miseria e a fome, devido isso ao pouco caso que o governo faz das artes; quanto aos grandesso se lembram elles do povo quando precisam do seu voto para subir ao poder; a lavoura sem animação alguma.....

E como não ser assim si o povo vive oprimido, massacrado e perseguido pelos homens poderosos!

Em que epocha foi que a função de Dous de Julho esteve tão fria e monotona?

So agora nesta quadra de soffrimentos e descrença!

—Mas ainda assim, ainda os grandes e os potentados querendo matar este dia de nossas glorias, nos deveremos entusiasticamente bradar:

Viva a liberdade!

Viva o dia Dous de Julho!

Viva! viva! viva! tres vezes viva!

## A PEDIDO

—Capitão, estou com V. Ex.

—Diga o que pretende, meu amigo.

—V. Ex. fustigando o vicio, censurando os abusos, condemnando a corrupção, es carnecendo da hypocrisia e pedantismo, desempenha umá alta missão de moralidade social, mas essa missão mais benefica e salutar se torna quando repara uma injustiça.

—Sou sensivelmente agradecido a tão imerecido elogio.

—Mormente, quando reparando uma injustiça, d'ahi resulta a justificação de uma reputação illibada injustamente ferida, e desvanece suspeitas sobre um character honesto, despeitadamente offendido.

—Os caracteres puros estão defendidos por si; não ha manchas que os maculem; a defeza delles está no proprio procedimento.

—E' assim que nos numeros 261 e 62, ou por espirito de maledicencia, ou por ignorancia do facto, vem controvertida a verdade em uma historia ali contada.

—Qual é a historia?

—E' a de uma mulher que tinha uma filha, bella, espirituosa.

—Sei; mas o que ha?

—As circumstancias alteradas, com que foi narrada a tal historia, as allusões insinuantes e desfavoraveis que se fazem a um respeitavel character, dá motivo a que os espiritos desprevenidos que a leram, fiquem, for-

mando um juizo bem triste dos sentimentos do honestidade, da pureza de intenções daquelle a quem se pretendeu offender.

—Continue, que estou gostando de lhe ouvir.

—A pretendida victima dessa urdidura, não passa de um ingrato, que pagou ao seu bem-feitor, com a mais hedionda perfidia e negra ingratidão os beneficios recebidos.

Aqui está uma fiança de casa, assignada pelo bem-feitor, e o recibo do proprietario provando que elle foi quem pagou o aluguel.

Leia estes bilhetes em que o miseravel pede dinheiro emprestado; veja os termos humilissimos que usa, reflicta si é possivel a dignidade do homem rebaixar-se mais; repare para este em que escreve e manda sua infeliz senhora assignar, pedindo um cavallo emprestado para ella passeiar e avalie si esse miseravel inspira nojo ou desprezo.

—E são verdadeiros taes bilhetes? O Sr. garante?

—Posso reconhecê-los, si V. Ex. exige.

—Não precisa; conclua.

—Chorando, lastimando-se que estava sem mesada, especulou por algum tempo com a generosidade daquelle a quem depois offendeu e por fim de contas, quando viu que as fontes seccavam, inventou uma farça torpe que, para um homem que se prezasse, a ninguem mais deshonraria do que a si proprio.

Farça, que si fosse verdadeira, ninguem mais do que elle teria concorrido para sua realidade.

—Um homem assim é um compendio de misérias.

—Aqui está o inexperiente, o incauto, o illudido; aqui tem V. Ex. a victima. Um perdido que cavou torturas e tornou amargurada a vida de uma infeliz senhora: um homem sem meio de vida licito que pretende viver na sociedade nas costas dos mais e que mascara-se de victima quando não encontra quem esteja disposto a manter pancudos, não trepidando, para conseguir tal fim, de malbaratear aquillo que todo homem de brio tem de mais charo.

—Tenho lhe ouvido, e pelo que o Sr. diz acho-lhe toda razão.

—E provado que toda a historia a que me referi foi infundada e com o fim de deturpar uma reputação que está muito acima do que a quizeram pintar.

—Capitão, esta mulher queixa-se que estando em Cachoeira, dera a um empregado do vapor da Companhia Bahiana, daquelle carreira, um bahuzinho contendo dous pa-

nos da Costa e uma carta com 550 rs dentro.

—Para que fim?

—Para entregar a uma pessoa nesta cidade; mas o homem entregou o bahu menos a carta com o dinheiro que vinha dentro daquella.

—Tem provas?

—Apenas de uma senhora, que viu, quando ella entregou o bahu dizer que na carta havia dinheiro.

—Por que não vae ao capitão?

—Foi, mas elle disse que nada podia fazer.

—Nem eu.

—Não é a primeira vez que apparecem desta queixas contra o empregado dos vapores.

—O remedio que eu vejo ali é pedir ao gerente da companhia que recomende aos capitães que não consintam que as tripolações dos vapores conduzam encomendas e cartas, por que não so prejudica a companhia que perde nos fretes, como a fazenda publica que é lesada pela falta de sellos nas cartas, que vem por intermedio delles, como tambem dão-se destes factos que de alguma sorte desabonam o credito da companhia, inconvenientes que desapparecerão havendo formal prohibição de trazerem a bordo encomendas particulares.

### Programma dos festejos de Dois de Julho de Brotas.

No dia 9 do corrente, depois que chegar ao largo de Brotas o batalhão patriótico— Riachuelo, sob o commando do cidadão José Fortunato da Cunha Junior, pelas 10 horas da noite desfilará o carro precedido de uma banda de musica militar a depositar-se em um elegante barração ao largo do Matatú.

No dia 10, depois da chegada do batalhão Minerva, de Pirajá, partirá o carro triumphal e o vapor *Bahia* com sua competente tripolação e acompanhado pelo 5.º batalhão da guarda nacional e diversos batalhões patrióticos, passará pela ladeira d'Oliveira, Sangradouro, rua do Castro Neves, largo das Pitanguieras em direcção ao largo de Brotas, onde se encontrará um palacete decorosamente ornado.

Ao chegar ao largo de Brotas e postado o dito batalhão desencerrarão a augusta effigie de S. M. o imperador o presidente da camara municipal, a autoridade local e tres membros da commissão dos festejos.

A' noite desse dia e nas duas seguintes haverá esplendida illuminação; e uma banda de musica militar tocará das 8 ás 10 horas da noite; haverá balões de hora em hora e diversos folguedos, bem como dansa de corda, presepes, botequins, feiras, etc.

### CREDO.

Que não ha patriotismo  
Nos homens da governança;  
Que elles todos só querem  
Encher de dinheiro a pança  
*Creio.*

Vendo hoje, como vimos,  
A crença o homem vender,  
Pede a razão, a justiça,  
Que só devemos ter fé  
*Em Deus.*

Amor da patria, heroismo,  
Palavras soltas a esmo,  
Dellas usa o doutorinho,  
O deputado e o mesmo  
*Padre.*

No senado elle se vendo  
Vitalicio senador,  
Perdendo o patriotismo  
Da patria perde o amor  
*Todo.*

Aquelle que mendigava  
Um voto com humildade,  
No senado já se julga  
Ser suprema divindade,  
*Poderoso.*

Lá da eburnea cadeira,  
Da grandeza todo ufano,  
Lança os olhos ao povo  
Qual monarcha soberano  
*Creador.*

Livrar-nos só pode a morte  
Do monstro falso e cruel,  
Lá do throno derribando  
Como fez Deus a Lusbel  
*Dos ceus.*

Seu nome seja execrado  
Por todas as gerações,  
Sobr'elle chova em diluvios  
Lá dos ceus as maldições  
*E da terra.*

Qu'a liberdade tem sido  
A capa da hypocrisia;  
Para uma teta chuparem  
Como minha avó dizia  
*Creio.*

Os Vasconcellos, os Honorios,  
E outros que taes protheus,  
Fizeram dos liberaes  
O mesmo que os judens  
*Em Jesus Christo.*

Dos estadistas famosos,  
Que tem a patria gerado  
Sabias leis de liberdade,  
Não me lembro ter-lhe dado  
*Um só.*

Derramar o sangue irmão  
Esbanjar honras, dinheiros,  
Nada val; assim o diz  
Da chara patria o herdeiro  
*Seu filho.*

Geme o povo de tributos,  
Soffra o pobre amarga fome,  
Que importa, si o estadista  
Só deseja ter por nome  
*Nosso senhor.*

Corra o sangue em Paraguay  
Nesses combates de horror;  
Defender os patrios brios  
Deputado ou senador  
*Qual foi?*

Só um caduco Caxias,  
O general apocrypha  
Porque na monto já tinha  
Projecto do desertor  
*Concebido.*

Este crime que devera  
Ser com justiça punido,  
Com protesto de molestia  
Foi do governo esquecido  
*Pela graça.*

Meu Deus, tende compaixão  
Da terra da Santa Cruz!  
Lá dos ceus fazei baixar  
Sobre nós a clara luz  
*Do Spiritu Santo.*

Arvorado o santo Lenho  
Sobre o nosso continente,  
Para ser um grande imperio,  
Livre, forte, independente  
*Nasceu.*

A' sua sombra se abrigam  
Os filhos da Redempção,  
A sua causa advogue  
A sagrada Conceição  
*Da Virgem Maria.*

Possam lagrimas piedosas  
Dessa Virgem pura e bella,  
Do filho abrandar a colera,  
Que pendente aos olhos della  
*Padeceu.*

Os brasileiros são livres,  
São tambem americanos,  
Como podem pois viver,  
Dos mandões e dos tyrannos  
*Sob o poder?*

Ministros e senadores,  
Deputados, cortezões,  
Ao ver o povo gemendo,  
Tomaram todos lecções  
*De Poncio Pilatos.*

Tributos sobre tributos,  
Após da guerra estrangeira,  
O povo que pertencia  
A phalange brasileira  
*Foi crucificado.*

Nosso cofre nacional  
De sangue todo exaurido  
Pelos grandes, assassinos  
Para ser é conduzido  
*Morto e sepultado.*

O parricida malvado,  
Que o primeiro golpe deu,  
Rugindo qual uma fera,  
Pelo negro crime seu  
*Desceu aos infernos.*

Portanto tenho esperança  
Do que o povo acordando  
Levante-se glorioso  
Qual Christo resuscitando  
*Ao terceiro dia.*

Então eu empunharei  
Minha lyra altisonante,  
P'ra cantar a liberdade  
Que tão bella e tão brilhante  
*Resurgiu.*

Seus inimigos cruéis  
De remorsos morrerão;  
E seus restos guardaremos  
Na tristonha habitação  
*Dos mortos.*

Cá da terra do exilio,  
O nosso amargo queixume,  
Qual de um raio a rapidez  
P'ra queixar-se ao sacro nume  
*Subiu aos ceus.*

Sobr'o throno inabalavel  
De pureza e santidade,  
P'ra fazer justiça ao povo  
A suprema divindade  
*Está sentado.*

Ao lado esquerdo veremos,  
Os grandes condecorados,  
Rangendo os dentes ao ver  
Os seus irmãos desprezados  
*A' mão direita.*

A liberdade foi dada  
Por um Deus no paraizo;  
Querem os homens de encontro  
Oppôr-se ao alto juizo  
*De Deus Padre.*

Coitados! hão de sentir  
Do Senhor o grão poder;  
Tremulos de susto e de medo  
Seu braço forte hão de ver  
*Todo Poderoso.*

Si do ceu não esperamos  
Um mais ditoso futuro,  
Remedio p'ra nosso mal,  
Tão cruel passado e duro  
*D'onde ha de vir?*

E' Deus um pae amoroso,  
E tambem recto juiz,  
Deste povo a causa santa  
Virá n'un dia feliz  
*A julgar.*

Nós que como as almas santas  
No purgatorio, penamos;  
Resurgindo gloriosos  
Talvez ainda sejamos  
*Os vivos.*

E esses predestinados  
Para serem os mandões,  
Lá no inferno terão  
Por companhia os dragões  
*E os mortos.*

Qu'ó Brazil inda ha de ter,  
Um systema liberal,  
Que estreite os sacros laços  
Do spirito nacional  
*Creio.*

Esta esperança que nutro,  
Dentro do meu coração;  
No berço inspirou-me em forma  
De uma revelação  
*O Espirito Santo.*

Tal é a doutrina santa  
Que Jesus Christo pregou;  
Para ser observada  
No Evangelho deixou  
*A Santa Egreja.*

A aquelle que nos offende  
Nos manda Deus perdoar;  
Perdoemos pois a todos,  
Para que possam gosar  
*A communhão dos santos.*

Si contrictos se mostrarem  
De seus erros e maldades,  
Conceda-lhes o nobre povo  
De suas iniquidades  
*A remissão dos peccados.*

Do erro se levantando  
Novos homens liberaes,  
Por seus feitos mostrarão  
Que obram prodigios eguaes  
*A ressurreição da carne.*

Assim todos reunidos  
N'um só grande pensamento,  
Gozaremos, como os anjos,  
Gozam sobre o firmamento,  
*A vida eterna.*

Praza a Deus que breve chegue  
Esse dia que lá vem,  
P'ra gosarmos liberdade  
Por todos os seculos  
*Amen.*

### ALLOCUÇÃO

*dirigida ao batalhão patriótico — Defensores de Pirajá — pelo seu commandante Antonio Olavo da França Guerra.*

Camaradas Patriotas!... A exemplo dos de mais annos, vão ser guardados em seu Pavilhão á Lapa pinha os Carros Triumpheaes!...

Elles, são os emblemas que symbolisam os fei-

tos de honra que obraram tantos peitos aquecidos pelo sagrado fogo do patriotismo!...

Elles, são a reliquia veneranda que representam o triumpho das armas brazileiras em defeza da sua patria!...

Elles, finalmente, são a prova a mais imponente do exforço heroico dos bravos que a custa do seu sangue derramado nos campos da batalha, por occasião da lucta que se travou entre o despotis-



mo e a Liberdade para — nos outorgar a Independencia !...

Pirajá, Cabrito, Itapoan, Itaparica, Funil, Saubara, e Cachoeira, ahí estão para attestar !...

Camaradas Patriotas !... Os Carros Triumpheaes que hoje vamos levar para a Lapinha, são um legado de honra que nos deixou os nossos maiores, ganho com muitos sacrificios.

Assim, pois, Camaradas Patriotas, com o coração repleto do mais vivo enthusiasmo e patriotismo, vamos conduzi-los ao seu deposito debaixo da maior harmonia; e, inspirados pelos festivos hymnos—cadenciosamente executados pelas musicas marciaes!...

Camaradas Patriotas !. . No trajecto que temos de fazer pelas ruas, espero—que reine a melhor ordem possivel, dando assim, cada um de vós, mais uma prova—de que sois bons brasileiros e respeitadores das glorias do maior dia da Bahia o —Dous de Julho—e, associando-vos a mim, brapemos —

Viva a Religião Apostolica Romana !

Viva a Independencia do Brazil !

Viva S. M. o Imperador !

Viva o dia—Dous de Julho !

Viva o Povo Bahiano !

Vivam os Bravos que compõem o batalhão patriotico—*Defensores de Pirajá !*

Severiano Moreira da Silva Cabé, agradece a seu irmão Joaquim Moreira Cabé o *fraternal procedimento* que para com o mesmo tem tido, os *favores* que lhe tem prodigalizado durante sua prisão e o *solicito interesse* que tem tomado no seu infortunio e adversidade, admiraveis attributos de uma alma, que ao proprio Caim causaria inveja.

Não pode deixar de reconhecer o louvavel procedimento, a nobreza de sentimentos que levou seu bondoso irmão a despedir de sua casa, alta noite, com tres filhinhos, a esposa do irmão, opprimido pelos revezes da desgraça, a qual havia procurado a casa ds seu cunhado, em virtude da distancia que a separa dos seus parentes.

Porém como Deus não desampara a ninguém, aquella que foi repellida por quem a devia acolher, encontrou generoso abrigo em estranhos: em uma camarada de infancia, em uma companheira de collegio.

Deus é grande! E o dia de amanha é inevitavel. Possa eu ainda um dia, pagar a meu *desvellado* irmão, por maneira bem diversa, tudo quanto d'elle tenho recebido dentro destas masmorras onde me acho.

29 de julho de 1870.

*Severiano Moreira Silva Cabé.*

## VARIÉDADES.

### Dialogo entre dous rapazes.

—E' preciso procurares um meio de vida; o que pretendes fazer?

—Abrir uma casa de joias.

—Tens capitaes para isso?

—Não; mas tenho uma *gazúa*.

### Carta enigmatica.

Meu *custoso dedicado*.—Não vou á *pinga-agoa* presença, por ter o meu *masculino*, com uma *moita tesa* no lombo; eu quizera *condenhir-lhe* divida o favor de dizer ao seu *aqui-offe-cto* que *vomite* no *isento perceptor*, *descanso da tumba curta* quantia que agora *cumplice gordura* e não faça *carreta de peça* de ir tão *depois do meio dia*.

Sou seu *viado*

*Sinonimo Vaz Mendes.*

### TRADUÇÃO.

Meu *charo amigo*.—Não vou á *sua* presença, por ter o meu *macho* com uma *matadura* no lombo; eu quizera *dever-lhe* o favor de dizer ao seu *caixeiro* que *lance* no *livro-mestre* essa *pequena* quantia que agora recebo e não faça *reparo* de ir tão *tarde*.

Sou seu *servo*

*Sinonimo Vaz Mendes.*

(Do *Almocreve de Petas*.)

### Nosso pai de noite.

Certo vigario conduzindo o sagrado viatico, ja tarde, em uma noite chuvosa, e escura, tropeçou e esmurrou o nariz; então disse em completa raiva:—«Eu não estou todos os dias a dizer aos meus teimosos parochianos, que nosso pae de noite não presta!...

--O' mamãe, o que é um beijo?

—Ora: é uma tolice.

—Olhe: eu digo-lhe isto, porque o meu noivo está me sempre a pedir-me tolices.

## ANNUNCIOS.

### Atenção!

Quem tiver e quizer vender os ns. 176, 181, 182, 191, 193, 215, 243, 281, e 282 do *Diario da Bahia* do anno de 1867, e o n. 16 de 1868, dirija-se a typographia Constitucio-nal ao Ajube, que achará com quem tractar.

Rapazeada amante do vispóra! Na rua do Julião n. 18, acha-se competentemente preparada uma casa para tal fim. Bons commodos, muito aceio, excellente café e boa pinga. Nos sabbados mocotó gratis para quem for divertir-se. Avancem, rapazes, que quem está á é o Firmino.

*Typ. de Marques, Aristides e C.*

# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 67.ª

TERÇA-FEIRA 12 DE JULHO.

N. 669.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numero-; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
11 de julho de 1870.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que vá incontinentemente á ladeira, que da Caixa d'Agua vae ter a nova estrada da baixa da Soledade, e passe a multar a quem estiver fazendo uma excavação nella, em frente á roça do cidadão Antonio de Paiva Martins, visto como sendo uma rua publica, ninguem por seu interesse e alta recreação, pode fazer excavações sem ordem da camara, sob pena, de reparando o damno causado, alem da multa, o concerto ser feito a sua custa. Cumpra.

— O festejo de Dous de Julho em Brotas, esteve bom.

No dia 9 á noite foi o carro do caboclo para as Pitangueiras onde ficou depositado em um barracão; na frente do carro seguiu um vapor de guerra engenhosamente preparado intitulado—*Bahia*.

Acompanhou o carro o batalhão patriótico Riachuelo, o qual debandou-se no meio do caminho, por causa de provocações.

No dia 10 fez-se a entrada percorrendo o carro as ruas designadas no programa dos festejos, assim como o vapor.

O carro foi puchado pelo povo e o vapor por meninos vestidos de marinheiros; acompanhavam o festim uma guarda de honra do 5.º batalhão, puchada pela muzica de policia; uma escolta da companhia de caçadores a cavallo, a cavallaria do batalhão patriótico, *Minerva Dous de Julho*, o Dr. delegado que ia mantendo a ordem e diversos cavalheiros.

O palacete estava bonitinho, e apresentava oito faces lateraes, contendo em cada uma dellas a inscripção dos logares dos feitos de nossas armas.

Ao chegar o emblema de nossa emancipação, descerrou-se a effigie do imperador e deu-se os competentes vivas.

Á noite houve illuminação, que continua por tres dias, sendo hoje o ultimo.

Do que não gostei foi de ver certos sujeitos armados de punhaes, e por parcholice puchando a vista de todos.

—E a policia o que fazia?

—Via e calava-sel

— Uma cabra morta na fonte das Pedras.

—Desde terça até sexta feira, eu vi tambem.

—Si não fosse um particular ainda la estaria.

—Ali está a prova da proclamada actividade do homem do cisco.

—E em quanto o corrompido animal impregnava a athmosphera de um cheiro pestilencial, que a todos encommodava, dous agentes da empreza, um caixeiro e um carroceiro, em debate apurado, perto d'ali, questionavam sobre um pouco de cisco que havia na rua. O caixeiro entendia que o lixo devia ser apanhado, por ter sido despejado aquella noite, o carroceiro recusava se á pretexto de ser elle da noite de S. João por causa das palhas que continha.

—Cisco ja tem privilegio!

—Mas si era cisco de S. João, como lhe chamava o patusco carroceiro, não padece duvida que estava ali desde essa noite, o que significa que a empreza deixando a rua em estado immundo por espaço de 15 dias, desde 24 de junho a 8 de julho, deu signal da actividade que lhe conferiu o barão de S. Lourenço.

—A *Chronica Religiosa* noticia que S. Ex. o Sr. governador do arcebisado, visitou quarta feira a capella do hospital de charidade que serve de deposito dos cadaveres, e averiguou ser destituido de fundamento tudo quanto se tem feito propalar relativamente áquella capella.

—O que será que se tem feito propalar?

—So si é que a capella serve de aposento a cabras e cavallo.

—Ouererá negar isso?

Pode negar que a capella fica aberta, á pretexto de entrar ar, e que no pateo onde está ella edificada deitam-se cabras a pastar?

Pode negar que todas as tardes é para ali levado um cavallo?

E não entra pelos olhos que taes animaes encontrando a porta do sanctuario aberta, penetrem nelle ao menos levados pelo instincto de se resguardarem em occasião de chuva?

Quem nega que a capella do hospital não tem sido profanada pela entrada e assistencia de animaes, pode negar tambem a luz do sol.

—Está feito deposito de cisco o logar denominado Gabriel.

—Quem lhe disse isso?

—Eu que vi lá uma montureira dos peccados.

—E' porque o empregar do *aceio da cidade*, ainda não soube para mandar limpar.

—Vá esperando. Pois o empregar vai a limpar lixo em um logar tão *retirado* da cidade?.....

—Veja quanta falta de humanidade.

A mesa da Santa Casa alugou duas recolhidas como serventes ou creadas n'uma casa á ladeira do Alvo.

Adoeceu uma de antrazes e foi remetida para o hospital, onde as irmans de charidade por charidade não a quizeram.

—Que crueldade! que tyramnia!

—A infeliz, que era assim esbulhada do que lhe pertencia, que era tangida por estrangeiras, da casa que tem por fim soccorrer nas enfermidades do corpo a qualquer que precise, quanto mais a uma filha do estabelecimento, foi depois recebida, nos ultimos arrancos da vida; entrou para morrer.

Falleceu dous dias depois; enrolada em trapos foi atirada na patusca e mandada para o cemiterio. Nem o capellão chamaram para eucommendal-a! Nos dous dias em que esteve no hospital suas feridas não foram lavadas!

—Pois as irmans de charidade, que se fazem apregoar de tão seguidoras dos preceitos do catholicismo, deixam que por deleixo o cadaver de um christão baixe á sepultura sem os ultimos soccorros da egreja!

—Despojada do que era seu; abandonada, maltratada na casa que era sua!

—Eu sei que depois de morto o corpo, vá como for, volta ao pó de que se formou, e que tudo o mais não passa de preconceitos do mundo; tanto o potentado em soberbo mausoleu, como o miseravel na cova rasa, tornam-se em cinza, em nada; mas, logo que a socieda-

do chama enterro decente, porque razão, tendo aquella recolhida, por direito incontes tavel um dote, desse dinheiro não lhe fizeram o enterro, e a mandaram miseravelmente para o cemiterio, no carro commum, sem um caixão, sem uma simples mortalha?

Para quem fica o dinheiro que lhe cabia? quem se julgará com direito de constituir-se seu legitimo herdeiro? A Santa Casa?

—E' uma subtracção.

—E depois na casa em que a alugaram não estaria ella vencendo um salario?

Porque, ao menos, não lhe fizeram o enterro com aquillo que ella ganhou por seu trabalho, ja que lhe arrancaram o que lhe foi doado por uma mão bem-feitora?

—Ah, João de Mattos, como interpetram o pensamento humanitario que dictou tua pia instituição!.....

—Ouça em duas palavras um caso contado pelo *Mosquito*.

—Estou attento.

—Um substituto de delegado de policia surprehendeu em colloquio amoroso um guarda nacional da provincia do Rio de Janeiro, e julgando que tão grave attentado não deveria ficar impune, na ausencia de um correctivo qualquer que a lei fornecesse, fel o prender depois de tel-o castigado com quatro duzias de bolos!..

Cuidará quem ler, que esse facto estupendo deu se em alguma longinqua provincia do imperio, onde a lei deixa de ter acção?

Qual!

A cousa passou-se na cidade de Valença, provincia do Rio de Janeiro.

O infeliz Aragão, (é o nome da victima) soffreu com resignação as quatro duzias de bolos; e creio que nisso andou muito bem, porque debalde protestaria e reclamaria justiça.

—Nem tanto offender a moral publica....?

—Capitão, encontrei no *Monitor Campista* a seguinte descripção de um dos typos da nossa sociedade.

—Leia.

—E'

O CANTOR DE SERENATAS.

Transportemo-nos á Bahia.

E' noite. Assentada em seu throno de esmeraldas, a cidade de S. Salvador dorme descuidosa, reflectindo na superficie ondulante das aguas as palmas verdejantes do seus coqueiros, e exhalando em languido desalinho o suave perfume de suas mangueiras em flôr.

Adormeceu nos canticos da viração.

O astro dos poetas acaricia-lhe a face em

beijos de luz, e o mar embala-lhe o berço suspirando nas areias prateadas.

Que voz, porem, é aquella que vem casar-se, em doces harmonias, ao concerto da natureza?

É a delle, o cantor de serenatas, que envia á sua Marilia, os echos sentidos do coração.

Um rapido esboço sobre este typo.

O cantor de serenatas, em geral, é um creoulo esbelto e intelligente.

Amigo em excesso das instituições livres, ostenta na cabeça, perfeitamente traçada, a estrada da liberdade, que divide-lhe a hirsuta como em duas porções deseguaes; uma do lado esquerdo formando uma colina, e outra do lado direito representando uma elevada montanha, de cujo cimo sahe, de ordinario, a ponta encardida de um palito indiscreto.

O chapéu mal o resguarda do sereno, cahindo-lhe sobre uma das orelhas, e deixando descoberta a outra, macio ninho de um cigarro apagado.

Traja velho paletot, calças de côr duvidosa, e assenta os pés sobre vetustas chinellas de couro que já foram outr'ora botinas.

Nunca vel-o-heis só. Reune sob as janellas de sua Marilia o maior numero possível de confidentes, que o applaudem com enthusiasmo, dizendo em altas vozes:

—Canta agora aquella do *Trovador*.

—Não; canta a outra que é mais bonita.

—Cá para mim, não ha como a da *Lilia*.

—E onde fica aquella das *Lembranças do nosso amor*?

E o creoulo, vergando a espinha dorsal, erguendo o joelho e fazendo deste ponto de apoio para o violão, começa a afinar-o; depois do que, encosta se á esquina e canta uma por uma as canções pedidas.

É um gosto vê-lo cantar!

Quando as notas sobem, é o nariz quem se incumbem de tiral-as, procurando as regiões sideraes, e sacrificando as veias da larynge que se injectam de sangue.

Os *bravos!* e *muito bem!* em geral, acompanham estas situações.

Começam então os commentarios:

—Este diabo é um damnado!

—Dá aqui pantana em tudo.

—Que moleque bom!

—Eita, rapaz!

—*Havéra* de eu ter esta voz, que estava com a minha vida ganha!

O cantor passa de novo a afinar o instrumento, respondendo ás saudações com os seguintes rasgos de modestia:

«Qual!...

«O que!... vocês estão caçoando. Eu hoje não estou em maré. Si vocês me vissem....

Segue a enumeração dos louros alcançados.

—Outro dia, ali em riba, em casa da Joanna....

—Que Joanna?

—A Joanna do Barnabé, aquella que brigou com o marido, quando elle foi cantar em baixo da janella da Chica do Becco do Célo.

—Ah! já sei, uma que tem o nariz torto!

—Taes quaes. Pois pintei lá o padre Simão. Cantei até o diabo dizer abasta, e fui acabar a noite n'um samba, na Boa Viagem. Olhem—cantei duas vezes — *a minha Lilia morreu*, cantei — *a hora em que te não vejo*, cantei — *a alta noite*, cantei — *vae suspero, chega aos lares*, fizeram-me repetir tres vezes — *creseo amor de dia em dia*, cantei — *tão longe de ti distante*, cantei.... cantei.... o que foi mais?... —é verdade — *Trovador, o que tens, o que soffres?*

Todas estas modinhas são enumeradas, percorrendo o narrador com o dedo grande a escala de todos os dedos das mãos.

—Vocês não fazem idéa que pagode. Havia povo assim.

(Este assim é explicado com a palma da mão direita batendo sobre a esquerda, fechada em forma de oculo.)

O cantor de serenatas é musico de orelha.

É curioso vel-o acompanhar pela primeira vez uma modinha nova com que algum officioso da roda quer brindar os companheiros.

O officioso approxima-se, e começa a cantar a modinha em voz baixa.

—Ainda não apanhou o tom, diz um.

—É em menor.

—Não é.

—É'.

—Ora, cante lá outra vez.

Começa de novo a modinha. O officioso canta-se e passa do canto para o assobio; arrebenta-se uma prima, o violão é de novo afinado, e soluça um preludio com um effeito de bordões, que serve, *mutatis mutandis*, para todos os acompanhamentos.

O officioso termina a modinha nova no meio de *bravos!* e é cumprimentado pelos seus numerosos amigos.

Oh vós, brasileiros degenerados, que executaes ao lado de um piano arias de Rossini e de Verdi, assassinando uma lingua que não comprehendes, pallidos arremedos de cantores italianos; ide á Bahia, e perguntae ao capadocio como se deve cantar no Brazil.

Vossas melo-dias não valem uma nota afinada ao som plangente do violão, sob a redoma d'aquelle ceu crivado de estrellas, e onde a lua cheia sabe ostentar em toda a sua poesia a face prateada.

As vossas arias buffas escondem-se vergo-

nhosamente diante do lundú chorado, que bolo com as fibras mais reconditas do coração.

O cantor de serenatas anda por força do officio sempre constipado.

Encosta-se a uma esquina as dez horas da noite, e só abandona o violão quando os gallos de seus poleiros annunciam a madrugada.

Então procura a casa, contente e satisfeito, dorme descuidoso dos lazeres da vida; dorme sobre a terra que lhe deu o ser assentando seu throno de esmeraldas, e exhalando em desalinho o languido perfume das mangueiras em flor.

## A PEDIDO

--Sr. Roberto, que foi morar no Taboão, ponha cobro em sua gente com tanta descaração.

A gente da vizinhança está muito descontente, por tanta palavra porca e tanto gesto indecente.

*O numero 38 não—é—da casa.*

### Motte.

*A carocha chucha os pintos,  
Chucha amor os corações,  
Todos os filhos da chucha  
São refinados chuchões.*

### GLOZA.

No templo da chuchadeira,  
P'ra ver se chuchava entrei,  
Onde muitos que eu cá sei,  
Tem de chuchistas cadeira;  
Ali de toda maneira  
Ninguem de chuchar se embucha;  
Chucha as crianças a brucha,  
O cobrello chucha o leite,  
Chucha a coruja o azeite,  
*A carocha chucha os pintos.*

Eu que de aguar tive medo,  
Vendo todos chuchar tanto,  
Que fiz? metti-me n'um canto,  
E puz-me a chuchar no dedo;  
Eis me diz um em segredo:  
«Você, sôr pae de leitões,  
«Tambem quer ser dos chuchões?  
«Não faz mal, chuche com fé,  
«Porque nesta casa até  
«Amor chucha os corações.

Logo outro amigo depois,  
Para chuchar me convida,  
N'uma cousa retorcida  
Que nasce na testa aos bois;  
Eu que via serem dois,  
A quem aturava a bucha,

Estive pucha, não pucha;  
E como estava co'a lua,  
Desafiei para a rua  
*Todos os filhos da chucha.*

Eis que todos se ajuntaram,  
E no fim de alta pendencia,  
Sangue, dinheiro, paciencia,  
Sem que eu visse, me chucharam,  
Como a orça me deixaram,  
Dizendo-me estas razões:  
«Chucharam-n'o? São pensões  
«De quem entra nesta roda,  
«Que os tafúes todos da moda  
«São refinados chuchões.

*(Almocreve de Petas.)*

## VARIÉDADES.

### O clima do Rio Grande.

Um ingnorante impostor, n'um circulo de varias pessoas, gabava-se de que tinha viajado por todo o sul do Brasil; descrevia os costumes do Rio Grande; fallava nas fructas, etc.

—E qual é o clima? interrogou um dos ouvintes.

O narrador estacou, considerou um pouco... e disse por fim com aquella firmeza que é peculiar á fatuidade:

Clima, meu amigo! clima é cousa que lá não tem.

Querendo mascarar-se uma meretriz, perguntou a uma sua vizinha o que faria para não ser conhecida. Respondeu-lhe a vizinha:  
—Vesti-vos em trajes de mulher honrada.

Um burguez á familia:

—Si não se portam muito bem não os levo domingo a ver tomar sorvetes no passeio.

## ANNUNCIOS.

### Atenção!

Quem tiver e quizer vender os ns. 176. 181, 182, 191, 193, 213, 243, 281, e 282 do *Diario da Bahia* do anno de 1867, e o n. 16 de 1868, dirija-se a typographia Constitucional ao Aljube, que achará com quem tractar.

Pede-se a pessoa que achou no dia 10 do corrente a tarde pelas immediações da rua d'Ajuda uma cachorrinha felpuda com um signal cor de rapé junto a cauda e que accode por Açucena o favor de restituil-a n'esta typ.

astro *do* Marques, Aristides e C.

# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.ª

SEXTA-FEIRA 15 DE JULHO.

Ns. 670 — 671.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeroz; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latroapolis, bordo do *Alabama* 14 de julho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de S. Pedro, pedindo-lhe que faça dispersar os capadocios que tomam banho na fonte do Gabriel, de dia, e que quando estão se recreando com a frescura d'agua, proferem em altas vozes palavras obscenas, o que muito incommoda aos moradores d'aquella localidade.

Em vista do que fica acima dito, espera-se que S. S., por amor a moralidade publica, providenciará de maneira que faça cessar semelhante affronta á decencia e ao decoro.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Santo Antonio.—Constando que o matadouro publico, apezar de haver nelle um destacamento, serve de reunião á gente ociosa e turbulenta, havendo uma vez por outra desordens, como ha bem pouco, dizem, um celebre Honorato cortara a mão de outro por motivos de jogo; cumpre que S. S. empregue meios correctivos afim de varrer daquella repartição a immundicie de vadios que a infestam.

—A *Esperança*, folha do Itù, dedicada ao fanatismo clerical, conta o caso de um individuo que se achando em uma venda á beber, n'um momento de exaltação blasphemara pedindo a Deus a morte o que no mesmo momento cahira fulminado.

—Ora essa!

De maneira que para essa gente, Aquelle que levou a grandeza de sua alma ao sacrificio de derramar seu sangue por amor dos homens, é um ser cheio de ira e vingança, sem misericordia, para perdoar os desvios e fraquezas do homem!

—A justiça humana não dá imputação aos ebrios, a justiça de Deus encontra nas loucas palavras de um homem, que traz os sentidos

alterados pela bebida, motivo para um reprimendo castigo!

—Para elles as gottas de sangue vertidas no Calvario não foram para remir peccados, mas para castigar com rigor levianas faltas.

—Dizem que em alguns talhos do Cabeça vende-se carne á noite.

—E' commodo á pobreza; para quem não tem por quem mande, nem pode sahir de dia, é uma vantagem e tambem para aquelles que não podem arranjar dinheiro cedo com que mandem ao açougue.

—Mas era si se vendesse carne e não carniça. Porem o que os açougueiros, authorisados pela condescendencia dos fiscaes, vendem á noite, é o que se chama *carne virada*, verdadeira lazeira, carne de boi morto na vespera, a qual neste clima quente, á essa hora, ha de estar por força corrompida.

—Um veneno que a usura e a sordidez proporcionam á população.

—Uma peste que o povo, irreflectidamente, compra á dinheiro.

—Agora procure quem tem obrigação de fazer desaparecer tamanho mal, que não apparece.

—Na quarta feira andaram as cajadadas, dentro do forum, os officiaes de justiça Guabiraba e Sant'Anna, resultando sahir Sant'Anna de cabeça quebrada.

—Foram presos?

—Não. O Umbelino, porteiro do forum, quiz prendel os, mas nessa occasião passava o delegado mandou que fossem para suas casas, aconselhando ao Sant'Anna que tratasse de curar a brecha que tinha na cabeça.

—Bom conselho! *optima* policial

—E a causa dessa briga?

—Ignoro.

—Eu só sei dizer ó que dentro daquello forum ainda não de haver consequencias funestas.

—Ali ha segredos de abelha, que somente aquella gente forense é quem os sabe decifrar.

—Na terça-feira á noite terminaram os festejos do Dous de Julho de Brotas.

Depois da illuminação foi a guardada do carro, o qual veio até as Pitangueiras acompanhado de algumas pessoas e cavalleiros, sendo precedidos pela musica do 8.º batalhão.

Voltando desso trajecto, foi o carro guardado em uma casa em Brotas.

—Estou sciente.

—A respeito de desordens, provenientes de cabeças esquentadas, nenhuma houve, não?

—Somentemente fui testemunha de uma na la-deira do Quebra-bunda, de dous creoulos que espancavam á uma creoula horrivelmente, cujo sarceiro foi accommodado pelos musicos do 8.º batalhão.

—O Sr. resgata-me este vale?

—O que compra?

—Nada, porque tenho precisão do valor.

—Assim, não recebo; ha de comprar pelo menos meia pataca.

—Mas isso é um meio obrigatorio; não foi o Sr. quem me deu o vale hontem n'um troco de dez tostões?

—Pode muito bem ser que fosse; mas que quer agora? Não tenho cobre para lhe dar.

—Que paiz! que governo temos nós!

Nas suas barbas a especulação impondo sobre o povo uma contribuição forçada!

A circulação pejada de vales de quanta empreza, hoteis e botequins ha; a população constrangida a recebê-los, para depois ver-se na dificuldade de não ter onde trocá-los por dinheiro, porque os proprios que os emittem impõem depois a condição de só accêptá-los por troca de generos!

—Meu amigo, resigne-se; mal do muitos consolo é; a praga é geral; todos soffrem; é um dinheiro inutil que se traz no bolso e não se pode gastar.

—E si de hoje para amanha a circulação fôr abalroada por uma alluvião desses vales falsificados?

—Pois não é para isso que se deixa o suor do artista, a economia do pobre, entregues á ganancia da especulação e á voracidade dos falsificadores?

—Estou vendo que na Bahiá os festejos pela terminação da guerra dão em agua de varrella.

—Falta o principal.

—Ao passo que na côrte despenderam 200:000\$000 rs.; una especie de faliota, aranjada entre genros, tios e sobrinhos; para a Bahia que concorre com grande somma de dinheiro para as despezas do imperio, o gover-

no negou uma diminuta quantia que lhe foi pedida!

—O dia do beneficio é vespera da ingratição.

Na occasião do aperto, a Bahia e o Rio Grande do Sul foram as primeiras no sacrificio de sangue; para solemnizar as glorias, consequencia desses sacrificios, a côrte a quem tem direito, a Bahia é a enfeitada!

—E o dinheiro que as commissões arrecadaram por onde anda?

—Uma cousa que foi ha tanto tempo! Necessariamente esses dinheiros devem estar deteriorados, e ate gastos!

—Visto isso, a Bahia que tanto se distinguu nessa cruzada do sangue ficará em jejum?

—Até ver não é tarde.

—Tambem, pelo que nós lucrámos, não sei si vale a pena applaudir.

—Pois ha de uma immensidade de vilas estar exposta a um fracasso deploravel pelo interesse de uma individualidade?

—Não é possivel.

—A pedreira que se quebra no Rio de S. Pedro é uma ameaça permanente á vida do publico; entretanto continua tão perigoso sistema no mesmo theor e data.

—As cousas são já bastantes para V. desenganar-se que clama no deserto; acho melhor calar-se, que talvez aproveite mais.

«—Paga minha dinheiro, veiaeo!

«—Olé, patapatá; qué tuma fiado e non paga.

«—Ranca paletô de elle.

—Homem, aquellas pretas despregam as abas do paletot do pobre homem.

—Não sabe quem é?

—Não.

—É o zelador dos passos do passeio particular.

—Ah; e a razão por que essas malditas ganhadeiras o acossam tão desalmadamente?

—O homem, para os bichinhos não morrem á fome, sahe pelas quitandas a tomar fiado, mamão, bananas, alpista, etc., depois não tem dinheiro para pagar, entra a dobrar beccos.

As pretas hoje o tucalharam e pegaram-na na gamada.

—Isso parece historia.

—É como estou lhe dizendo.

—Mas na despeza da provincia ha uma verba destinada ao passeio particular.

—Ha.

—E o que é que se faz della?

—Pois é a mim que vem perguntar isso? O que lhe posso assegurar é que os innocen-

tes viventes de plumagem são votados á uma abstinencia forcada, a qual para ser levantada, precisa o pobre zelador andar adulando as pretas, signal do que o dinheiro é pouco, não chega para elles.

—Lê-se na *Opinião Liberal*.

«**IMPORTANTE NOTICIA.** —No *Journal des Consulats*, monitor internacional do commercio e da industria, de 20 de maio passado, folha que, como o seu titulo indica, parece ser inspirada nas regiões diplomaticas e officiaes da Europa, lê-se o seguinte, na sua *chronica diplomatica e consular*:

«... Falla-se como de um negocio assentado da proxima abdicção do imperador do Brasil, em favor do seu genro, o conde d'Eu, marechal do exercito brasileiro, casado com a princeza Izabel, herdeira do throno.

«O imperador Pedro II, que abdica, nasceu em 2 de dezembro de 1825, e reina desde 23 de julho de 1840; não tem descendencia masculina, e eis ahi como o filho do duque de Nemours, um Bourbon-Orleans de França vac' reinar sobre quasi metade da America do sul.

«Espera-se o acontecimento no mez de outubro.

«Eis ahi como, dizemos nós por nossa vez, os divinos de cá e de lá, dispoem sem o sabermos da sorte desta chacara bragantiana, a que chamam Brasil!»

—No correio ha falta actualmente de sellos de dez reis para porte de jornaes.

—E uma folha que pague dez reis como hade ser?

—Paga um vintem.

—Isso é arrancar; para não chamar outro nome!

De sorte que quem manda constantemente para o correio, 50 a 60 maços de gazetas, tem de soffrer, de cada vez, a pequena differença de 500 rs. para mais em sua algibeira!

E' logração!

—Ainda si se pagasse e fosse bem servido, passe; mas uma repartição que não desempenha fielmente sua missão, é iniquidade.

—E assim vão arrancando baga por baga o suor do povo!

—E' uma engenhosa maneira de arrebatá o dinheiro da gente. Obrigar todos a servir-se de um objecto e arredar esse objecto do consummo, para forçar a comprar-se pelo duplo do valor!

—So no governo deste paiz se vê disto!

Lê-se na *Reforma* de Porto Alegre:

«**SOLDADOS MORRENDO A FOME.** —O publico

vai ter diante dos olhos uma triste e vergonhosa noticia, infelizmente real, e que não poderá ser contestada.

«E' uma vergonha e uma desgraça.

«Ouça-nos o publico, ouça-nos a presidencia:

«Ha tres dias chegou a esta capital procedente do Rio Grande o hiato *Santa Cruz*: ao passar este navio em frente ás Pedras Brancas, viu o seu commandante que os soldados que ali estão destacados, de joelhos, e com as mãos postas, gritavam pedindo-lhe misericordia.

«O humano maritimo saltou em seu bote e dirigiu-se ao logar em que via aquella desoladora scena.

«Chegando ahi, reconheceu logo a origem da desesperação d'aquelles pobres invalidos: —era a fome! —Um d'ollos devorava um pedaço de tuna; outro estava prostrado pela falta de alimentos; outros diziam que haviam 6 dias que não tinham o que comer! ...

«Depois de ver tal scena, o commandante do *Santa Cruz* dirigiu-se para bordo e trouxe para o esfomeado destacamento fornecimento para 3 dias!

«Hoje devem acabar-se essas rações dadas pela charidade de um homem aos servitores do paiz....

«Não devemos commentar esta noticia, porque enfim somos brasileiros e ella mais nos contrista do que nos forneço onsejo para bater esta miseravel situação!....»

—Lê-se no *Correio Noticioso* da Parahyba do Norte:

«.....»

«Não ha patriotismo, não ha moralidade no governo: a caridade nas regiões do poder é uma palavra sem significação, na epocha de egoismo pessoal que atravessamos; os proprios servidores do estado ainda na morte são lançados, envoltos em uma bandeira brasileira esfarrapada, á primeira praia que se encontra.

E assim devo de ser neste malfadado imperio do Brasil....

A caridade particular olhando indignada para a caridade official, que rola envolta em uma bandeira á beira de uma praia, passa indifferente e deixa o quadro para ser contemplado por mais tempo!....

Foram essas as reflexões que nos assaltaram ao espirito ao saber do quadro que presenciou todo o povo que teve de ir ao caes do Varadouro, por occasião da chegada do vapor do sul a 23 do passado.

Um imperial marinheiro que havia fallecido á bordo, estava lançado á praia, envolto



em uma bandeira brasileira, esfarrapada, sem que movesse a caridade official para dar sepultura ao cadaver do servidor do estado!...

Ali permaneceu por longo espaço, attestando a decadencia moral de um governo sem amor, sem patriotismo, sem caridade!...

Ali, viu-se por algum tempo a bandeira brasileira rojada á praia, de envolta com o cadaver de um homem, até que a caridade particular estendendo os braços dêsse sepultura ao cadaver desprezado, do servidor do estado!.....

Que exemplo doloroso aos olhos da humanidade!.....»

## A PEDIDO

—Capitão, chame a attenção dos Srs. paes de familia.

—Para o que?

—Para que tenham cuidado com os ardís do *Villas-más*, o salafrario pombinho das Mercêz.

—O que ha?

—E' que elle está em melhor pombal.

—Como?

—Eu passei no domingo atrazado, pouco mais das dez horas da manhan, por uma rua onde ha um *recolhimento* a quem quer fugir dos raios do mundo, e o vi entrar no collegio das *aprendizes* que ahi ha, administrado por um *santo* e *caridoso*.

—Iria confessar ou celebrar?

—Si elle no *convento* que goza de certas *mercêz* foi o typo da licenciosidade, o que não fará em um collegio, onde não será preciso trocar chaves e mudar fechaduras?

No collegio de educação alleman, os paes de algumas alumnas dirigiram-se á directora reclamando e conseguiram que o *Villas-más* fosse dispensado de exercer qualquer mister ali.

—Pois que façam o mesmo cá.

—Eu duvido, capitão, com aquellas mulheres, com aquellas hypocritas!

—Pois o que quer?

—Quero que mande ao Hospicio dizer áquelle pombo chôcho, que tome vergonha ou lhe mande tirar os piolhos, e mande pespegar-lhe já um *cinto* daquelles que se deita na barriga dos cavallos; ordenando-lhe que se quer continuar em sua profissão vá exercel a n'algum convento do frades.

—Incumba-se V. mesmo de dar ao muxingueiro estas instrucções, de minha parte.

—O que tem esta mulher; está doida?

—Não dê cavaco, que é costume.

—Fazendo tão desesperado espalhafato pela rua, com aquelle menino.

—Eu lhe conto a historia toda, pois sou visinho ha muito tempo della. Esta senhora é conhecida por *barata tonta*; mora na rua do Pão-de-ló; tem dois filhos. O mais velho emprega-se em colher fructas nas roças alheias, na occasião em que os feitores estão ausentes. Nos dias em que é mal-sucedido, incommoda toda visinhança, porque disputam elle e a mãe que parecem dois regateiros; palavradas as mais vergonhosas e tristes. Quando acaba, larga-se em mangas de camisa, tamancos, chapéu ao lançante e lá vae bala. O mais moço é a mesma cousa: Logo que o dia nasce, ajunta-se com um tal *frade*, filho da viuva Guilherme e outros, e vão para as quitandas e vendas surripiar, arrebatando compras das mãos de pretas e meninos pequenos.

—E ainda não foram agarrados?

—Até hoje não.

—Pois eu tendo occasião hei de recomendar-os a attenção da policia.

—E' um beneficio que faz não só á visinhança, como áquelles dous meninos que ainda estão em tempo de ser guiados por melhor caminho.

## Bellezas de nossa terra.

Maravilha em Latronopolis!

Um *pé de cajú* é padre;

Vê se nos nossos conventos

Um *coqueiro* feito frade.

Dos sacerdotes a turma

Para em tudo ser cheirosa,

Tem padre chamado *cravo*,

Tem outro chamado *roza*,

N'um seminario, que horror!

Até um *lobo* é reitor!

As mulheres não precisam

De *parteiras* nem *comadres*,

Porque as freiras somente

Até nos nomes tem *madres*;

Pelo que estas somente

Necessitam de *compadres*.

A cada canto se encontram

Fidalgotes impostores;

Nos hoteis acham-se ás duzias

Empavesados doutores;

Andam aos bandos na rua

De gazetas redactores;

A's tontas, ás cabeçadas

Milhares de professores.

Quem como thesoureiro da irmandade do Santissimo da freguezia do *Segura Parede*, roubou a mesma irmandade para pagar um trapiche, poddo fallar da vida alheia?

Quem baldeou 20 s. ecos de assucar trocando o bom pelo inferior, pode fallar da vida d'alguem?

Quem cynicamente, á qualquer hora do dia, sem respeitar as leis do pudor, entra em certas casas da freguezia do Pilar, para fins crapulosos, pode criticar de pessoas que estão muito distantes delle?

Quem seduz donzellas e desinquieta casadas, pode alçar a voz para censurar o procedimento daquelles que isso não fazem?

Um luxurioso que vive em torpe desregramento, um sensual cujo habito continuo é estar a suspender as calças, exclamando:—*ai, Jesus!*—tem direito de occupar-se da vida de quem procura na sociedade taxar sua conducta por forma muito differente?

Por certo que não.

Continua, gallego bebado, escoria do teu paiz, ladravaz de marca, mau pae de familia, que muito breve te publicarei as gentilezas, principiando com o encontro que tivestes em certa casa com uma *caixa*, vindo do *Comber*.

—A musica *pataqueira* vac se dissolver?

—Não vê!

—Consta que o barãozinho dissera que não está mais para aguentar a pesada despeza de sustental-a á sua custa.

—Por agora está alliviado. Não sabe que ella está com os *corta-dendês* fazendo patacas?

—Mas dizem que os officiaes não concorrem para a gratificação.

—Historias, homem!

—Quem sabe si não é *invenção* do mestre que propala isso de proposito?

—E' provavel.

O pombinho das Merceç

Sahiu coberto de lama,  
Não condemnou ao *Não berto*,  
Agora chore na cama.

Queria fazer das suas,  
Porem sem ninguem fallar  
Quem lhe tocou nos mysterios  
Devia a cadeia entrar.

Tão arrogante que andava  
Por ali a blasonar,  
Que fosse la como fosse  
Havia de se vingar.

E agora, meu padeco,  
Ja não se desenganou,  
Que ainda a moralidade  
Na terra não se acabou?

Queria que todos fossem  
Devassos e immoraes?

Mettido nesta sotaina,  
Julga a todos seus eguaes?

Tome um conselho prudente  
Que lhe dá um camarada,  
Não queira fazer-se bobo,  
Coma com a bocca calada.

E nos seus projectos novos  
De namorar p'ra gozar  
Poça a Deus, não ache um braço  
Para o pello lhe limpar.

E adens the outra vez,  
Meu gamenho namorado,  
Que heide por do calva a mostra  
O pombinho coroadado.

—Ao terminar a rua da *faisca* não, da *scen-telha*, contiguo a um buraco, mora um individuo empregado nas estampilhas, appellido *besta-mia*, o qual depois de saciar seus gozos nos deleites de Baccho, em vez de descansar a sêsta, esse individuo colloca em um dos parapeitos de uma de suas janellas um seboso travesseiro branco e sobre elle encosta os cotovellos, afim de atacar com palavras insultantes a quem passa pela sua porta e aos que moram na sua visinhança, assim como occupá-se das vidas privadas de todos os seus visinhos.

Ainda mais: esse empregado em lugar de descansar á noite, afim de, no outro dia, desempenhar como deve, suas obrigações das estampilhas, leva das oito horas até uma e duas da noite, preserutando o que se passa; vendo quem chega, quem entra, quem sahe, afim de no outro dia relatar, adulterando, o occorrido da noite antecedente.

Previne se a esse senhor que não continue a praticar semelhantes actos, pois que para um pae de familia é um mau exemplo que dá; alem de ser ridiculo para os seus cincoenta annos para mais e não para menos; ao contrario estará incurso na pena de um *clyster* de pimenta

*Das sete cabacas.*

—Capitão, nossas reclamações não foram attendidas.

—De que trata-se?

—Do nosso amavel immediato, o commendador João Ignacio Barloza Werneck. . . o segundo Alexandre Dumas. . . agraciado com o habito da roza e com a medalha da independencia, e empregado publico aposentado.

—Diga o que sento, deixe do parte os serviços e as condecorações do homem.

—Si trago tudo isso é para fazer ver que tendo elle todos estes predicados para occupar altos cargos, não lhe querem passar a

vara da subdelegacia da freguezia do Barracão, onde ha muito mamão, nem lhe quorem tambem dar o augmento do ordenado a que tem direito,

—Dar-se-ha o caso de quo elle pertença á renda de ouro?

—Julgo ser por isso.

—Em todo caso é bom esperar.

### Motte

*Que lucros tira quem ama.*

GLOZA

Reina perfeito socego;  
So eu pôr ver minha bella,  
Sem ter geito nem cautella  
Ando tal e qual um cego;  
Vou ver um bem que me ama,  
Mas emfim arma-se um trama,  
Outro vejo co'a amada,  
Finda tudo em bordoadá;  
*Que lucros tira quem ama?*

Na rua feito um bufão,  
Estava eu embebido,  
Olhando meu bem querido  
A quem dei meu coração;  
Mas levo tal encontrão,  
Que vou me esbarrar na lama,  
Então é que a minha dama  
Rindo de mim pude ver;  
Pergunto, quero saber  
*Que lucros tira quem ama?*

Fui n'um muro me trepar,  
Por accaso escorreguei,  
A mão direita esfollei,  
Inda para mais penar;  
Acodem ao meu gritar;  
Uma patrulha se chama  
Contra mim formam tal trama,  
Que sem detença nem dô,  
La vou para o xilindró;  
*Que lucros tira quem ama?*

## VARIÉDADES.

### O frade.

O fradel Quanta idéa romanesca, quanto episodio interessante, quanta recordação dolorosa, desperta esta simples palavra! O frade é um mytho. Em torno dessa entidade, que tem atravessado os seculos coberta de bençãos e maldições, infelizmente giram ainda os destinos de alguns povos! Querido como um anjo ou temido como uma serpente, voando ou de rastos, lá vae o novo *Judeu Errante* de cidade em cidade, de nação em nação, umas vezes levando o consolo e a vida, quasi

sempre conduzindo o desespero e a morte. O frade não pertence a este seculo. O clarão das fogueiras dissipou as trevas da superstição. O povo de hoje tolera quantos *christãos novos e velhos* hajam e possam haver. Hoje o frade não pôde ser olhado sinão como uma curiosidade, um boneco de mostrador, um macaco verde, que orna as prateleiras do museu universal. É um typo que se aprecia no romance, que faz effeito no drama, que apimenta as anedotas, que dá realce á paisagem, que aduba a palestra, mas que não pôde ser tomado ao serio, porque o seu pedestal tem por base o ridiculo.

Virtuoso ou hypocrita, sabio ou ignorante, o frade não é visto com bons olhos. Sua presença entristece. A prevenção o rodeia, o temor o repelle.

A eriança tem medo do frade. Diante do frade a intelligencia se retrahе, o espirito evapora-se, a vida povoa-se de sombras. Nada mais perigoso que o frade.

O frade é um contrasenso. O convento é uma contradicção. O frade instruido é perigoso, o ignorante é inutil. Meio homem, meio rapoza, todo elle compõe-se de astucia. Mimar para derrubar, abater para imperar, eis o seu alvo, eis a sua divisa.

Inimigo do progresso, avesso á liberdade do ensino, contrario á tolerancia dos cultos, o frade é o caruncho das sociedades modernas. O frade, essa figura tristonha atravessando as praças publicas, enche a alma de pavor, semelha o fantasma do mal, deixando após si os sulcos da desgraça. O frade é necessario para o hypocrita, é indispensavel para as beatas, mas é inutil para a sociedade. Homem feliz! come bom presunto, bebe do melhor vinho, e quando sobe ao pulpito prega o jejum, recita o cambuquiral

No dia em que desaparecer o ultimo frade, a civilisação terá dado mais um passo, a humanidade terá registrado mais um triumpho.

### Phases variadas porque passa um pobre cidadão.

Cidadão—nas proximidades das eleições.

Patriota—si votou com o governo.

Rebelde— si votou contra.

Religioso—si serve continuamente os cargos de thesoureiro e procurador das irmandades.

Estudante—si frequenta academias.

Sumitico—si não assigna subscripções.

Honrado, virtuoso e sabio— si é rico.

Numero—si cumpre sentença.

Caso—si é atacado da cholera.

Sujeito e Fulano—si delle se refero algum facto.

Meu amado ouvinte—si assiste ao sermão.  
Alma—si habita uma grande cidade.  
Parochiano—quando baptisa um filho.  
Capanga—quando se incumba de zelar a honra alheia.

Recruta—si o obrigam a ser soldado.

Reu—quando tem contra si um *author* que não é o de seus dias.

Phosphorò—quando responde por nome que não é seu.

Proximo—quando commette fraquezas.

Author—quando traduzem o.

Transcunte—quando vae pela rua.

Moço—quando serve em hoteis.

Assignante—quando paga o theatro por junto.

Fidalgo—quando pretende não descender de Adão e Eva.

Matuto—si nasce na roça.

Convidado—quando vae a enterro ou casamento.

Respeitavel publico—quando está no theatro ou nos leilões.

Benevolo—quando lê prologos.

### Grande lansquenet politico.

Sob este titulo, publica o *Jornal do Povo*, novo orgão democratico da provincia de S. Paulo, o seguinte:

«O banqueiro (o diabo):—Está feita a banca, meus senhores.

«Conservadores e liberaes:—Corra!

«Banqueiro:—Rei e conde.

«Conservadores:—Somos *rei*, somos banca!

«Liberaes:—Somos *conde* contra a banca!

«Liberaes e conservadores:—(dirigindo-se para uma pobre rapariga pallida e phtysica e que tristemente assiste ao jogo) Não joga?

«Opinião publica:—Nada, não caio, o jogo é de patota.

«Grande rumor, a Opinião Publica é posta á ponta-pés para a rua.»

### Peixes domesticados.

Diz a *Presse* de Brestes.

«Para o genio americano não ha impossiveis, e ainda hontem foi exhibida uma prova do que avançamos, pelo Sr. Robert Ilson, chegado á este porto no hiac *Canard* ha poucos dias.

O Sr. Robert Ilson encostou hontem ao caes *des Fleurs* um bote puxado por dous tritões ou toninhas domesticadas e mansas, que atreladas obedeciam a um par de redeas, como si fossem dous cavallos; seguindo a vontade do Sr. Ilson, que as fustigava com uma cana, tendo na extremidade uma ponteira pontaguda.

Agora só nos falta ver domesticar baleias que possam conduzir os grandes navios, e assim evitar-se os dispendios do vapor.

### A mulher nos Estados-Unidos.

Do *Courrier de l'Europe* extractamos o que segue:

Em Jersey Landing, no Illinez, Estados Unidos, foi eleita Amelia Hoobs juiz de paz do seu districto, com 6 votos de maioria.

Em Washington, em todos os ministerios ha mulheres preenchendo funcções de empregados, chefes de repartição, etc.

Em New-York acaba de fundar-se uma casa bancaria, cujos caixeiros e até o proprio director pertencem ao bello sexo.

No dia da installação appareceram para mais de quatro mil freguezes; e attenta a graça e belleza das senhoras que dirigiam o estabelecimento a affluencia augmentava mais e mais.

### A megalanthropogenia ou a arte de ter filhos bonitos.

Um joven medico na Italia sustentava a sua these sobre este assumpto. Este titulo tão bello irritou os nervos do examinador, que era um professor assaz feio. O proprio examinando, porem, assemelhava-se muito mais a Vulcano que a Adão, de maneira que o lente lhe disse:

—Me parece, Sr., que seu pae não conhecia o seu segredo.

—Sem duvida, Sr. professor, respondeu o candidato, mas sobre este ponto o seu não era mais sabio.

### o rei e a verdade.

Quiz um justo soberano  
Da verdade o rosto ver;  
Pois é cousa mui constante  
Pelos paços o semblante  
Descoberto ella não ter.

Com desejo mui sincero  
D'exprimir-lhe o que sentia,  
O justo rei ordenara  
Descoberta fosse a cara  
D'aquella que não mentia.

Logo a côrte em alvoroço  
E confusão se levanta;  
Ministros e antigos ayos,  
Velhas, damas e lacaios?  
Ninguem mais sorri nem canta.

Tal é o medo de ver  
Da deusa austero semblante,  
Que foge tudo apressado,  
Deixando despovoado  
Todo o paço n'um instante.

Abandonado e mui triste,  
O rei assim falla a dama:  
—Será verdade, princeza,  
Que no mundo a realza  
Amigos só tem de fama?  
— Não, lhe responde a verdade,  
A bella face mostrando,  
Amigos certos da corôa  
Existem, porem atôa  
Vivem de esmola chorando.

### A cruz de honra.

Arespeito de condecorações, conta a *Patrie* o seguinte, garantindo a veracidade do facto:

Um joven official inferior distinguio-se em uma campanha contra os arabes, e tendo recebido uma bala, passou para os invalidos, recolhendo-se a sua casa.

Sua mãe, quando tornou a vel-o, teve um violento ataque de nervos, e depois uma febre cerebral, da qual resultou ficar douda.

Sua loucura não a inhibia, porem, de reconhecer o filho, com quem conversava constantemente sobre a sua carreira militar.

E dizia a todos: «Eis-aqui meu filho, que soube combater e distinguir-se.»

Uma manhan, o *maire* da communa remetteu ao pobre amputado um masso de papeis, da parte do ministerio da guerra. Era a cruz de honra que se lhe tinha concedido.

O invalido collocando-a ao peito, apresentou-se a sua mãe que, vendo-o condecorado, soltou um grito e perdeu os sentidos.

Mas, quando tornou a si, tinha recobrado a razão.

Affirma o Almocreve de Petas, que a Lisboa chegara uma italiana muda com destino a primeira cantora do theatro do Porto; alguns surdos que a tinham ouvido affirmavam ser cousa nunca vista.

Um desembargador tinha casado uma filha com um letrado muito instruido e grande valido d'el-rei, mas que era filho de um ferreiro. Perguntada a razão por que tinha dado sua filha a um homem tão baixo, elle respondeu:—Eu não olho d'onde elle vem, e sim para onde vae.

Indo certo cavalheiro dar os pezames a um amigo pela morte de sua mulher, depois de lhe mostrar o seu grande sentimento por esta falta, vendo que se achavam ali varios cavalheiros em roda do amigo e que todos estavam callados, levantou-se e disse:—Eu não sabia que estorvava o divertimento deste congresso.

E foi-se sem demora alguma.

## ANNUNCIOS.

### Atenção!

Quem tiver e quizer vender os ns 176, 181, 182, 191, 193, 213, 243, 281, e 282 do *Diario da Bahia* do anno de 1867, e o n. 16 de 1868, dirija-se a typographia Constitucional ao Aljube, que achará com quem tractar.

Pede-se a pessoa que achou no dia 10 do corrente a tarde pelas immedições da rua d'Ajuda uma cachorrinha felpuda com um signal cor de rapé junto a cauda e que accode por Açucena o favor de restituil-a n'esta typ., que será bem gratificada.

Rapazeada apreciadora do café e vispora. O proprietario do café e vispora da rua do Julião n. 18. faltaria a um dever de reconhecimento e gratidão, si deixasse de procurar o vehiculo da imprensa para vos agradecer a benevola concurrencia com que correspondestes ao seu convite. Continua a esperar a animação e protecção, dos amigos e conhecidos, pelo que desde já protesta seu agradecimento e offerece gratuitamente para a noite de amanha um bemfeito e succulento mocoto.

Appareça, rapazeada, quem vos falla e o firmino.

### Criada

Precisa-se uma que saiba cosinhar e gomar, na Quintandinha do Capim, n. 8, na botica, para pequena familia.

Na rua do Collegio n. 5, 1.º andar, se dirá quem precisa de uma ama para cosinhar.

### Desastre.

Domingo passado em uma reunião em que se festejava os annos de uma senhora, houve um poeta, que miseravelmente, com a força de se explicar tocou o pé a decima que repetia, a qual foi em braços para o hospital e consta que ja passou para a enfermaria dos incuraveis.

Quom quizer comprar uma horas vagas que pertencem a um Sr. Mandrião do Tal, o qual a tem possuido nos dias de sua vida, e lhe não servem para cousa alguma, vá fallar com elle a sua casa aondeo achará de manhan até as onze horas na cama e do tarde no passeio publico a expreguicar-se a sua vontade.

Quom for cogo por falta de vista e quizer curar-se ainda que com algum custo, pregue um calote, seja citado o peça vista, e se lhe concederem, veja como passa com esta receita.

# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.ª

TERÇA-FEIRA 19 DE JULHO.

N. 672.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
18 de julho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que faça ao mesmo tempo uma obra de humanidade e um serviço a decencia publica, mandando recolher uma preta doida que existe nã ladeira da Praça e cuja dormida é na rua.

A mania da desgraçada é proferir atroadores e obscenos gritos, e phantaziando que dá em alguém, entra a bater fortemente, com o que encommoda a quem mora por ali e offende a moralidade publica. Com quanto não haja logar proprio para os infelizes destituidos de razão, com tudo espera se que S. S. procurará de alguma forma acabar com tão triste spectaculo.

—Capitão, aqui tem este ensaio dramatico em um acto, intitulado—*Um amigo perfido ou a mulher fida*, que offerece a V. Ex. o Sr. Diogenes Alberto d'Oliveira Dourado, natural desta cidade.

—Deite-o sobre a mesa para depois apreciar-o; e mande agradecer ao seu author a delicadeza que teve para commigo.

—So?

—Recommende a sua leitura ao respeitavel publico bahiano.

—Está para que essas endemoninhadas vão a igreja!

—Mostrar os pannos e ultrajar a Deus com seu prostituido procedimento.

—Quem ás vê, em qualquer dia de festa correndo apressuradas, de cadeirinha na mão, para a igreja, ha de crer que são levadas por sentimento de devoção; mentiral vão para serem vistas e procurar freguezia.

—Soube do escandalo domingo no Carmo?

—Ouvi fallar.

—Uma estabanada tarasca, altercou com as companheiras por causa de logar, e pro-

feria em altas vozes palavras immoraes; chamava pelo diabo; insultava e injuriava.

Tanta protervia da parte daquella perversa, provocou um pasmo geral; e um irmão foi advertil-a para que se contivesse. A asanhada centopeia desatou a lingua sobre o homem dirigindo-lhe epithetos que, so no becco do Grello, podem ser proferidos livremente!

—Si Deus fosse vingativo, como insinuam os apostolos do fanatismo, uma endiabrada destas é que devia ser punida.

—Deus policiaes a conduziram para fora do templo, onde ella fazia retumbar o echo de sua depravada voz.

—Estaria bebedas?

—Ou damnada.

—V. é quem pode me informar de uma cousa.

—Si souber.

—E' verdade que o governador do arcebis-pado dirigiu um officio a abbadessa do Desterro ordenando-lhe que demittisse de procurador do convento ao Simberto, por ser herege e estar fora da graça da igreja?

—Para mim é caso virgem; mas pela minha parte declaro que faço juizo mais elevado da illustração do Exm. Sr. conego Campos.

—E eu; mas..... dizem.

—Não creia.

—E até acrescentam que a abbadessa reuniu immediatamente a comunidade, a qual resolveu que semelhante ordem não fosse obedecida, e se respondesse ao governador que elle nada tinha que se metter com a administração dos bens temporaes do convento, nem a comunidade estava disposta a satisfazer caprichos alheios.

—Olhe que esta questão Villas-boas tem dado logar a episodios e commentarios!.....

—Todos elles em desconceito da disciplina e moralidade da religião de que é ministro.

—Esta cidade está insipida; não ha em que a gente se distraia.

—Em compensação, a companhia do olho-vivo exhibe engenhosos trabalhos de preste-digitação.

—Isso é gente que tem pacto com o diabo; não ha quem lhe vá as mãos.

—Ao passo que elles mettem as mãos nos bolsos alheios e vão desencavar o que não guardaram.

—Com uma audacia de pasmar.

—Ouça uma gentileza.

O Sr. Anacleto Rufino, mestre da philarmonica—40 de Voluntarios, na occasião de embarcar sabbado, para Santo Amaro, teve de puchar sua carteira do bolso; um individuo, crioulo, que presenciou, o abalroou á entrada da ponte e safou 4 $\mathbb{D}$  rs que estavam separados.

Infelizmente, para elle, o roubado presentiu e agarrou-lhe no braço; tomou o dinheiro e por commiseração, mandou-o embora.

—Dizem que tambem outro dia um passageiro da estrada de ferro, na occasião de desembarcar achou-se sem o bahú.

—Outra.

O Sr. Eduardo Cezar de Bittencourt, morador em S. Miguel, sabindo uma madrugada destas para o banho, como é seu costume, alguém que estava a espera disso, entrou-lhe em casa e fez a limpa no que ponde, levando até a tunica, de uma Imagem do Senhor dos Passos.

—A cousa não pode ser por menos.

N'um tempo critico como o presente, eu vejo nesta terra, uma alluvião de individuos, sem meio de vida conhecido, andarem com luxo, fazerem grandes gastos, sem que haja quem lhes perguntem do que vivem.

—Só os cegos não veem que a illuminação publica é pessima.

—Peior do que ella, só trevas.

—Pois a companhia do Gaz entende que é boa de mais e, por meio de multas, obriga os accendedores a reduzir-a.

—Boa maneira de ficar com o trabalho alheio!

—No mez que findou muitos accendedores soffreram multa de 5 $\mathbb{D}$  rs., a pretexto de conservarem luz demasiada nos lampeões.

—Que falso testemunho!

—Os pobres homens aterrados pelo receio de soffrer golpe no diminuto salario que ganham, vão diminuindo cada vez mais a intensidade da luz, até pôl-a em condições microscopicas.

—Está porque muitas ruas ficaram ás escuras na noite de sabbado; a chamma que sahe dos candieiros é tão fraca e amortecida que o mais leve sôpro da aragem a apaga.

—Eu li no *Jornal* que foi multada.

—A companhia do Gaz não sente as multas que soffre; está nas condições dos doentes que preferem ser multados a fazer pão com peso legal; porque a quantidade de farinha que diminuem dá para pagar a pena e ainda ganham; assim é o Gaz: as sobras que lhe resultam, fazendo a illuminação amortecida, resarce o prejuizo das multas, que de mais a mais nem sempre paga e deixa lucro.

—Porem usando de uma especulação de má fé, não é sincera no contracto, commette uma fraude, uma extorsão.

—O que eu acho iniquidade é estar a arrancar dos pobres accendedores uma parte de seu suor com pretexto mal cabido.

—A maneira porque são executadas certas disposições regulamentares, fazem crer que ellas só foram creadas por escarneo ou irrisão.

—Ou para illudir aos que se julgam garantidos por ellas.

—Quem pelas horas mortas da noite, transita por algumas ruas desta terra, com foros de civilizada, e inesperadamente é regalado com um banho de liquidos pouco aromaticos, não pode deixar de ponderar na singular maneira porque é executada entre nós, aquella determinação prohibitoria do lançamento dessas preciosidades odorantes á rua.

Atravessando certos largos e ruas, vê-se á claridade da luz meridiana os campos alastrados de roupa estendida, pondo á vista de todos certas manchas que deviam ficar occultas e reflectindo-se que existem penas para as offensas á moralidade publica, fica se formando alta ideia do rigor e da restricção com que procura-se impedir a reproducção de scenas semelhantes.

Transitando-se por alguns logares da cidade e examinando-se o interessante systema de fazer despejos e aterros com immundicies, considerando-se mais que nestes sitios, por tal forma aterrados, pouco depois constroem-se casas; e attendendo-se á particularidade de terem mais tarde de ser revolvidos esses terrenos por encanamentos dos chafarizes e do gaz, não se pode deixar de entoar louvores á solicitude assim patenteada pela salubridade dos residentes nesses sitios.

E tanto mais merecidos são estes elogios quando, tendo havido ultimamente alguns casos de febre amarella, a continuação desse excellente systema de aterros pode contribuir para a persistencia dessa molestia, facultando assim a sciencia medica mais occasiões de fazer estudo sobre essa enfermidade.

Indo-se por certas ruas da cidade baixa,

nas quaes os passaios são estreitissimos, cada abalroamento nos paus collocados da parte de fora das lojas, nos quaes acham-se pendentes peças de roupa feitas, recordam immediatamente a infracção da postura municipal que prohibe o atravancamento do transitio.

—Essas e outras antitheses devem convencer de sobejo que os regulamentos não passam de burla.

—Viu o barracão que o Costa, armador imperial, armou para o enterro da cunhada do barão de Pirajá?

—Vi. Não sei porque razão collocou em cima do barracão um calix.

—Notou isso?

—Sim, não sei ao que veio a collocação de um calix ali.

—Eu tambem notei nelle ter deitado uma cruz e uma bandeira sobre o barracão, collocando a bandeira superior a cruz!

—E' que entende para si que o emblema da nação deve ser collocado mais alto que o symbolo da religião que professamos.

—Esses armadores inventam cousas que so elles entendem!

—São meios de *mamarem* mais alguns cobres.

—O viver não é nada, o saber é que é a cousa.

—Neste andar em breve voltaremos a liberdade dos primitivos tempos!

—Porque diz isso?

—Pelo que vi quarta-feira á noite.

—O que foi?

—Um sujeito em baixo de uma arvore, no Terreiro, aconselhava-se com outro, sobre certos achaques que o mundo lega aquelles que não vivem moderadamente. E sem mais cerimonia arreiava as calças e, á luz da lua, mostrava ao seu conselheiro a parte soffredora.

Esta scena edificante passava-se do lado da igreja de S. Pedro, onde, como sabe, ha familias que costumam chegar á noite a janella.

—E ha quem diga que não gozamos de ampla liberdade!

—A camara municipal é surda e cega.

—O peor surdo é aquelle que não quer ouvir, o peor cego é o que não quer ver.

—Estou por isso.

Si a camara quizesse ja teria visto o estado deploravel em que se acha a rua atraz do Muro do Desterro.

—Notando que passa sempre por ali um vereador, e não sei como ja não viu os bura-

cos que tem aquella rua, capaz de enterrar um homem.

—Si pelos logares por onde elles transitam não se importam, muito menos se importarão dos logares por onde não ha para elles precisão de passagem!

—A ladeira de Sant'Anna está peor; a ladeira do Desterro pessima; a rua do Tinguí nem se falla.

—O que me diz do becco do lado da ordem Terceira de S. Francisco, conhecido pelo becco do Monturo?

—Não me falle nesse becco. Si a camara podesse respirar o *aroma* que d'ali exhala, então talvez que elle se tornasse digno de melhor sorte.

—Mas a camara vê tudo e faz que não vê; a imprensa clama contra a sua cegueira feccia e ella mostra-se ensurdecida.

—Sr. Costa armador, me responde ao que lhe vou perguntar?

—E' dizer.

—O Sr. quando vae á casa de qualquer figurão, entra por sua sala assim calçado de esporas?

—Si eu fosse um incivil e grosseiro, um lorpa falto de educação, si me quizesse expor a uma reprimenda.

—Neste caso dá mais consideração a casa de um homem, do que a casa de Deus, porque aventura-se a entrar nesta de maneira porque não ousaria entrar naquella.

—Ora que differença!

Aqui estou no meu negocio, no meu trabalho.

—Tem razão, meu bom Sr!

Mas sabe do que vae isso?

E' porque a igreja em sua singeleza e santidade vive mais ligada do que deve ás magnificencias terrestres.

E' porque os interpretes da religião, que prega a humildade, proclama a egualdade do pó, ensinando que as grandezas do mundo, illusorias e passageiras, desaparecem ante o tumulto, dão subido apreço a esses europeis, a essas ostentações douradas.

—O Sr. diz cousas que eu não comprehendo.

—Pode ser; mas eu me explico.

Quando fallece um vivente, para quem a fortuna só teve bafejos prasenteiros, eu vejo a igreja catholica acceder a todos os caprichos e desejos que a vaidade dos parentes do morto suggere; eu vejo pelo passamento desse mortal, o templo do Homem-Deus cobrir-se de crepe exterior e interiormente, eu vejo o altar sagrado, onde repousa a Imagem d'Aquelle cujo throno é de eterna gloria e luz, e



ao redor de Quem resoam canticos de louvor e alegria, vestir-se de côres negras á troco do ouro.

Será porque a egreja deplora a perda de um filho?

Não; porque não mostra sentimento igual para com todos.

E demais, si o mundo da verdade é lá, não ha de que sentir, só porque um filho passa da vida de enganos para a vida eterna.

A razão é outra: é porque nesta vida, até para as instituições de origem divina, o dinheiro é o primeiro movel.

E a consequencia de tanta condescendencia com as velleidades mundanas é esse cortejo de escandalos e profanações.

Veja: os ganhadores entram e sahem fazendo um alarido infernal, gritos, confusão, blasphemias; mãos impuras pegam em um vaso sagrado para arredal-o e poder collocar em seu logar um objecto que indique algum predicado do finado; os operarios, como é inevitavel para distrahir a fadiga do trabalho, contam cada um sua aventura chistosa; d'ali sahe um dito picante, d'aqui uma chufa; o Sr. entra de esporas no templo para administrar a sua obra, ralha porque uma columna não está bem assentada, grita com um operario que se mostra vagaroso, a egreja atravancada e feito tenda de trabalho. Tudo isso é improprio de um logar santo onde nós só deviamos entrar para tributar nossa veneração e respeito.

—E agora o Sr. é que quer reformar o que vem de detraz?

—Eul Deus me livre! reprovar aquillo que é sancionado por aquelles, que inspirados pelo Spirito Santo, vão proclamar a infallibilidade do papa!

## A PEDIDO

—Dizem que haverá tres mezes, João Baptista Valeriano foi ferido com uma facada, na freguezia de S. Pedro.

Que a authoridade competente instaurou processo, mas esse parou no meio do caminho por haver o offendido combinado em receber 150\$ rs. para desistir.

—Que miseria! que abjecção!

—Porem o diabo é que aquelle que vendeu a reivindicacão de um mal que soffreu, anda agora a queixar-se que está por ver o preço porque se deixou impunemente mutilar, ao passo que o offensor diz em voz clara e sonora que ha muito está pago o custo da facada que deu.

—E' que anda ahi no meio algum arranjo que elles lá sabem.

—Capitão, quem pergunta quer saber.

—O que?

—Pode um sapateiro tomar vestes ecclesiasticas e figurar de padre?

—Essa é boa! V. está doido?

—Pois eu tenho visto Tatá em diversos enterros no Campo Santo.

—A culpa não é delle; é dos padres que se hombraem com elle, porque zelador de egreja não é padre.

—Capitão, dizem que é pela protecção do Santos que mora na rua que não é alta.

—Pois vou ordenar a esse Santos que não chame mais Tatá, e tambem a seu vizinho Soares para o aconselhar.

—Porem capitão, si elle continuar?

—Então mandarei o muxingueiro cobri-lhe aquella careca para tomar juizo.

Os Srs. paes de familia devem pôr-se de sobre-aviso e o Sr. subdelegado de Brotas lançar suas vistas sobre uma capona beata, de nome Constança, moradora ao Castro Neves, a qual vende rosarios e bentinhos e pede esmolas.

Essa medianeira da ociosidade, desperta suspeitas, pelo costume que tem, quando entra em certas casas para tirar esmola, de indagar primeiro si o chefe da casa está ahi ou não; e si succede que esteja, ella retira-se surrateiramente e vae se pôr de espreita até vel-o sahir.

O que quererá isso dizer?

Si é para pedir esmola tanto faz que seja na vista do chefe da familia, como não.

Portanto é preciso andar alerta com essas correctoras da maldade e o Sr. subdelegado que não a perca de vista.

## ANNUNCIOS.

### Atenção!

Quem tiver e quizer vender os ns. 176, 181, 182, 191, 193, 215, 243, 281, e 282 do *Diario da Bahia* do anno de 1867, e o n. 16 de 1868, dirija-se a typographia Constitucional ao Aljube, que achará com quem tractar.

Pede-se a pessoa, que achou no dia 10 do corrente a tarde, pelas immediacões da rua d'Ajuda, uma cachorrinha felpuda com um signal cor de rapé junto a cauda e que accode por Açucena, o favor de restituil-a n'esta typ., que será bem gratificad a.

### Celindro

Na ladeira do Pelourinho n.º 12, vende-se um celindro de padaria em meio uzo.

# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.ª

SABBADO 23 DE JULHO.

Ns. 673—674.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 22 de julho de 1870.

Officio a Illma. camara municipal, dizendo-lhe que a saude dos moradores da rua da Lama corre serio perigo, originado pelo pestifero cano do sobrado n.º 9, que descendo pela parede vae despejar na rua, exhalando um ar fetido, nauseabundo e infecto, que a todos encommoda. A excrecencia que verte ja formou um corrego na rua, o qual quando chove, transforma-se em extensa lagoa, que empede aos moradores sahir ou entrar em suas casas.

Todos esses inconvenientes não so affectam a saude e commodo publico, como reduzem a rua a condição de um monturo; pelo que espera-se da Illma. beneplacita attenção.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que não consinta que um portuguez morador á ladeira dos Coqueiros, continue a fazer da travessa que da Lapa vae para a mencionada ladeira, seu armazem ou deposito de carros, pedras e diversos materiaes por ir isso de encontro a lettra da postura n.º 41, assim como que requisite o auxilio do subdelegado para que seja dispersada a caterva de moleques que encarapitam-se nos referidos carros ou sobre as pedras e fazem artes do diabo. Cumpra.

—Esta cidade está inçada de cachorros; é um nunca acabar de cachorradas.

Esta noite escapei de ser mordido por um enorme dragão destes.

—Queixe-se dos fiscaes por que nem executam a postura municipal n.º 40; nem ao menos reclamam a intercessão do Evaristo com as suas bolas.

—Parece que o padre França, capellão do arsenal de marinha, desconhece o preceito de Jesus-Christo, ordenando a seus discipulos

que soffressem a perseguição, mas nunca a exercessem.

—Não seja maledicente; o padre França, sacerdote instruido, não pode ignorar a doutrina de seu Divino Mestre.

—Eu digo assim porque o homem deixa entrever arrancos de valentão, que não se casam com a condição mansa e pacifica que requer o ministerio que exerce.

Pois não sabe o que fez um dia desta semana?

Entrou em um cartorio e lá jogou as cajadas com o filho de um tabellião.

—Talvez em defeza propria; pode ser que fosse provocado.

—Não é isso o que me dizem; o homem foi fazer uma reclamação injusta e achando o tabellião só e doente usou da força bruta para ver se conseguia o que queria.

—São factos mais para deplorar do que para commentar.

—Eu faço ideia si os moleques presenciassem aquelle spectaculo! Como não seria irrisorio ver um homem de batina esgrimindo o pugilato, sahir de paletot esbandalhado sem chapéu, e ir pedir um emprestado na loja immediata.

—Rapaz, a natureza humana é fragil; a paciencia tem limites.

—Não me venha com pannos quentes.

Eu não concordo que quem nos aconselha a paciencia e resignação, o esquecimento das offensas e o perdão das injurias, entre na casa alheia para brigar.

—Aquella mulher foi presa e não quer se entregar?

—Qual presa, senhor! Quem lhe disse que ella estava presa?

—E porque o policial dá-lhe tanta bordoadada?

—A mulher é da amisade delle.

—Amisade d'aquellas só como a que o cachorro tem ao gato!

Um agente de policia, fardado e armado, espanca uma mulher publicamente, aqui na rua Direita de Palacio, e o Sr. me diz que essa

scena pouco regular, tem logar por ella ser da amisade delle!

Quem mais vive mais aprende!

—O que é o diabo é cada um aprender á sua custa.

—Eu ao menos desejava conhecer estes dous personagens, cujo systema de estreitar relações é tão exquisito.

—O soldado, dizem, chama-se Maximo e a mulher Izabel.

—Está direito!.... tenho mais esta para meu caderno, hoje quinta-feira do SS. Sacramento.

—Capitão, a cidade do Rio Grande acaba de testemunhar um facto de revoltante selvageria.

—De que especie?

—O estimavel Sr. Antonio da Cunha Silveira, redactor e proprietario do *Artista*, recebeu no dia 12 de junho uma insultuosa aggressão por ter denunciado pela imprensa factos de prevaricação do guarda-mór d'alfandega d'aquella cidade, Raymundo José Delamare.

—Um funcionario publico accusado de prevaricação no seu emprego lançando mão de meio tão condemnavel dá provas de criminalidade,

—Em logar de procurar justificar seu credito, pedindo nos tribunaes as provas das imputações desfavoraveis que lhe eram lançadas, consentiu que sua familia, composta de tres filhos do capitão de fragata Delamare e um irmão seu, fossem atacar o jornalista, que no exercicio de sua missão, levava ao conhecimento da opinião publica factos de delapidação!

—Quem não deve não teme.

—O que porem tornou-se mais inqualificavel foi o procedimento das authoridades, fechando os olhos em face de tão insolito attentado.

Muito embora deixassem impunes os aggressores, ao menos, por acatamento á moralidade publica deviam coagir o empregado apontado como prevaricador a defender-se das accusações de que era alvo.

Felizmente os desvairados aggressores do Sr. Silveira não poderam consumir a emboscada que lhe armaram.

—Eis-aqui a segurança que goza o cidadão n'um paiz onde todos podem livremente emitir seu pensamento sendo responsavel por elle!

—No domingo os itapagipanos commemoram o glorioso Dous de Julho.

—Dizem que fazem este anno um festejo solemne?

—Já ouvi dizer isto.

—E' provavel que haja grande concurrencia, visto a facilidade de transporte que a companhia de Vehiculos offerece.

—Agora o que eu acho é que ella devia nesse dia conservar os preços dos dias uteis, affim de que seja maior a concurrencia.

—Si os directores quizerem bem podem fazer este rasgo de generosidade ao respeitavel publico desta cidade.

—Roubos e mais roubos!

Maldicta gente do olho-vivo!

—E' um flagello.

—Os voluntarios, coitados, foram esbulhados do pouco que ganharam á troco de sua vida, por essa praga de larapios.

—Os do 50, que saltaram á terra, são roubados. Na Preguiça, em uma casa, foi um despojado do que trazia, por meio de jogos fraudulentos, ficou sem real; por favor deram-lhe dez tostões para ir para bordo; um outro foi roubado na cidade baixa em 250\$ rs.; quinta feira houve no botequim do Caboclo grande sarceiro, porque um voluntario entrando para comer, sentou-se ao pé d'elle um sujeito que depois se levantou; quando meteu a mão no bolso para pagar achou-o vazio!

—Nesse mesmo dia um estrangeiro queixava-se de lhe terem furtado uma porção de fazendas e dizia que ia á policia queixar-se.

—Como si a policia tivesse obrigação de saber quem o enganou. Elle que tivesse mais cuidado.

—Domingo ha o festejo de Dous de Julho dos meninos da freguezia de Santo Antonio.

—Dizem que com muito apparato.

—Hoje o carro triumphal sabe do becco dos Artistas e vae até a Cruz do Cosme; amanha percorre as principaes ruas da freguezia.

—E' lisongeiro ver desenvolver-se tão cedo o amor pelas glorias patrias nesses peitos juvenis.

—Capitão, informam-me que o governador do arcebispado mandou uma circular para todos os conventos de freiras, prohibindo que ellas vendam em hasta publica as propriedades pertencentes aos mesmos, não obstante as terminantes ordens do governo, sem que primeiro tenham permissão do nuncio, sob pena de excommunhão.

—Pois eu si tivesse intimidade com o governador do arcebispado, perguntava-lhe a razão porque não foi excommungado o cabido, quando vendeu as suas propriedades particularmente.....

—Ora bolas!

As propriedades do cabido, segundo consta, foram vendidas ás *comadres* dos conegos, e este proceder d'elle não passou sinão de um acto todo *caritativo!*

—Temos uma policia, que quando não arremeda os dozes da preguiça, imita o imprevidente volatil que se deixa cahir no laço que lhe arma manhoso menino.

—Distrinche-me isso.

—E' o mesmo que dizer que nesta cidade os ratoneiros não so andam tão á vontade como ratos na dispensa de casa que tem gato lerdo, como tambem quando lhes parece caçoam com a policia.

E caçoadas que a obrigam a fazer bem triste figura!

—Faz favor de não me aborrecer? Si veio p'ra dizer alguma cousa, não esteja mas-sando.

—O que eu quero dizer é isto:

Ha tres para quatro mezes, mais ou menos, apresentou-se nesta cidade um individuo muito conhecido nellapelos seus precedentes.

Trajava uma duzia de uniformes, cada qual mais elegante; trazia uma carteira atopetada de dinheiro; por toda parte mostrava uns papeis que dizia ser a sua nomeação d'official de descarga d'alfandega das Alagoas, que lhe dera o barão de Cotegipe e apresentava uma carta que dizia lhe-escrevera a mulher com quem se tinha casado, rico.

Appareceu mais em sua companhia uma crioulinha, de nome Cosma, que elle dizia lhe estar entregue.

Apezar das passadas travessuras do homem, motivo porque sahiu desta terra, a cousa de um anno, e de estar seu nome trocado nos papeis que mostrava, a policia não teve suspeitas, nem se deliberou a indagar onde arranhou elle a inesperada fortuna.

Dizia que viera com licença tratar de sua saude, e que estava residindo na casa de saude do Dr. Domingos Seixas.

—Porem V. vê que mau fado acompanha ao Dr. Seixas? Os ratoneiros tem uma attracção inexplicavel para a companhia do illustre facultativo. Ja o Chico Carteira com suas trêtas, conseguiu, aqui ha tempos, illudir-lhe a boa fé.

—O homem entrou a praticar das suas costumadas gentilezas, tanto que foi chamado a policia, onde, dizem, apresentou o despacho do barão de Cotegipe nomeando-o official de descarga d'alfandega de Maceió, papel que por aquella repartição foi reputado legal e o homem mandado embora em paz.

—Eu não posso acreditar em tamanha ingenuidade! Pois na policia não sabem que o barão de Cotegipe occupando a pasta da marinha, não podia assignar um despacho de emprego de fazenda?

—Eu não garanto, informaram-me; mas a policia que não teve a descripção de requisitar das Alagoas informações sobre esse individuo, não admira que tivesse essa descahida.

Se a policia soubesse ou quizesse cumprir seu dever, dado o caso que acreditasse que o homem era realmente empregado, devia informar ao governo que elle não podia exercel-o, por ter cumprido pena ignominiosa.

Continuo.

Continuou a fazer *cavallarias*, e a uns dizia que era casado e a outros que ia casar.

Um dia, foi perguntar ao sacristão da Sé, n'uma roda, si o cura ja tinha principiado a correr seus banhos.

—Bastava essa contradicção para desconfiar-se d'elle.

—Chega o vapor *Tocantins* á este porto e o pretendido empregado d'alfandega de Maceió, reconhecido pela policia, vae á casa da crioula Calombão, apanha todo dinheiro e ouro que ella tinha, dirige-se a agencia da companhia dos vapores brasileiros compra passagem para si com destino a Parahyba e para a crioula Cosma, sua pupilla, para Pernambuco, e faz-se de vella, deixando quem deve andar alerta com os tratantes com cara não sei de que.

—Eu deploro a sorte da pobre crioulinha que foi com elle.

—O facto de comprar passagem para a Parahyba, ao passo que para ella comprou para Pernambuco, está dizendo bem claro quaes são suas intenções a tal respeito.

—Não se pode negar que a policia foi redondamente bigodeada pelo espertalhão.

—O tino da respeitavel andou neste negocio como menino do cego.

—Agora que pegue no homem da capa preta.

—Essas bebedeiras, que dão para provoear, são perigosas.

—Descreio dellas; o homem ver-ladeiramente ebrio vae dormir; não se pode suster.

—Isso é quem não bebe todos os dias; o individuo affeito ao vicio habitua-se.

—Não para fazer desordem; é desculpar se com a cachaça.

—E como so explica isto?

Luiz Sardinha depois de *enfeitar-se* completamente provoeu com o mutilado Manuel

Ferreira de Carvalho, dando-lhe uma bofetada que o prostrou.

O ex-voluntario conhecendo sua impotencia, pela falta de um braço, foi á casa armou-se de faca e veio introduzil-a em Sardinha, o qual depois de ferido e derramando copiosa porção de sangue, foi deitar-se como quem não tinha nada na porta da botica em Guadalupe e d'ahi á momentos roncava como um porco.

—Como estava aquella alma!

—Que atacação está dando aquella mulher no Sr. Antoninho da limpeza!

—Ha de ser reclamação; talvez a restituição do que pagou indevidamente.

—No meio da rua é uma apertação!

—Ella pede o que lhe prometteu e elle mette a mão no bolso, tira dez tostões e dá-lhe.

—Já V. vê por ahi que não pode deixar de ser uma retribuição.

—Mas que maneira de cobrar!

—Tal fosse a natureza do serviço.

—Capitão, quer ler alguma coisa sobre os festejos na côrte pelo fim da guerra?

—Estou secco.

—Pois comece pela *Comedia Social*.

«A maior novidade da semana proxima fiu da foi o festejo official no templo de papelão.

Nunca houve festa feita debaixo de peiores auspicios.

Na manhan do dia 10 do corrente mez, dia designado para a grande funcção, uma forte neblina esfriava o animo do curioso com vontade de ir até o campo da Aclamação ver celebrar-se a festança. Era ja nove horas, e mal se encontrava na praça um ou outro individuo, olhando admirado para as archibancadas vazias e para o circulo de soldados de linha, postados em torno da carangueijola italiana com o fim de impedir que algum profano penetrasse naquelle recinto, onde so teria de apparecer a gente de sangue mais azul.

Mais tarde vieram apparecendo alguns *coupés* que paravam diante das escadas e ficavam em frente a casa da moeda, e delles iam sahindo varios personagens de chinó e casaca dourada, e, cousa admiravel! alguns desses figurões estavam de calças brancas. O leitor deve recordar-se que, não ha muito tempo, a nossa fidalguia fez uma petição, supplicando licença de usar calças azues, por custar caro a calça branca; e ao ver aquella boa gente saltando no dia da festa por todas as considerações economicas, e não trepidar diante da despeza de uma calça br

ca, suspeiçi logo que todos elles iam ser agraciados com alguma medalha de merito festival.

Nesse meio tempo o rufar dos tambores e o toque das cornetas indicava em outra parte da praça a chegada de varios batalhões da guarda nacional. Estavam lazidos, e marchavam bem regularmente; mas, oh dor! um ou outro espectador apenas apreciava as evoluções militares. A propria molecada, tão amante da boa musica, e tão avida de espectaculos marciaes, não comparecia á festa, e parecia fazer timbre em protestar com a sua ausencia contra a despeza dos duzentos contos.

Por detraz de uma archibancada encontrei um ex-ministro da marinha, passeando taciturno, em quanto junto ao museu um brigadeiro honorario do exercito media o lagedo com passos graves.

A chegada da serenissima princeza e do principe consorte fez com que se agrupassem mais algumas pessoas defronte do templo, junto a casa da moeda. Quasi todas as janellas desse edificio estavam occupadas por familias. Tambem era o unico logar em que se notava alguma animação.

Por fim soaram os clarins, annunciando a a aproximação de suas magestades. Os archeiros formaram alas na escada, e os magnatas com andar um tanto tropego vieram descendo, e formaram outras duas alas paralellas as dos archeiros. Tive então pela primeira vez o ensejo de assistir a cerimonia do beja-mão em escada.

Começou a festa. Quem se achava no campo a alguma distancia do barracão italiano, e olhava para o interior do dito barracão, julgava-o vazio, pois o pequeno numero de personagens que lá estava ficavam encoberto pelas columnas interiores. Alguns transeuntes pensavam até que ainda não havia começado a funcçõnata. As archibancadas continuavam erinas, desertas. Mandou-se então um piquete de soldados de policia para uma delias. Os soldados collocaram-se um junto de cada poste que sustentava o tecto da armadilha.

Alguns individuos inquiriam, curiosos, se aquellas figuras immoveis, de calças vermelhas e plumas da mesma cor, estavam ali para abrilhantar o acto, ou para manter a ordem entre os bancos inteiramente vazios.

Como havia completa falta de animação em tudo, postaram perto da dita archibancada uma bomba de apagar incendio, para recordar ao povo que assim como outrora ardêra naquella praça um circo do touros, bem se podia desta vez fazer focueira de uma ar-

chibancada. O povo, porem, tratou a insinuação com o mais soberano desprezo.

Final S. M., cujo coração compassivo é conhecido por todos, penalisa-lo por ver o fiasco do ministro da guerra, ordenou que se franqueasse o templo a todos indistinctamente. O sublime anda sempre ao lado do ridiculo. Antes so podiam entrar os que tinham recebido cartão de convite. A maior parte d'estes, porem, não comparecera. Depois, entrou tudo. Pretos com samburás, sujeitos, em mangas de camisa, muita gente sem gravata, todos entraram. Um amigo meu, vendo o caracter nimiamente democratico da reunião, ficou envergonhado de ter levado luvas, e tratou de escondel-as a toda pressa nos bolsos das calças.

Mais tarde houve parada na praça de D. Pedro I. As descargas foram chochas.

A' tardinha andaram distribuindo gratis os cartões das archibancadas. Eu tambem tive um, mas lá não fui. Consta terem havido no interior do barracão algumas assuadas contra o ministro da guerra.

Do que se passou á noite posso referir alguma cousa por ter sido testemunha ocular. Prepararam quatro aparelhos de luz electrica que produziram quasi nenhum effeito. A illuminação dos arcos que circumdavam parte do largo foi de triste apparencia, por ser bastante vasta essa parte do Campo, e por não terem accendido um grande numero dos copinhos de côres. No interior do barracão, o qual estava bem illuminado, encontrei varias rodas de meninos de collegio, jogando a cabra-cega. Todos dentro do barracão estavam de chapéu na cabeça, e muitos fumando. Em parte alguma se via uma banda de musica. De repente o povo começou a precipitar-se pelas escadas abaixo. Era uma turma de officiaes de linha, que tinham ido armados ao barracão dar morras ao barão de Muritiba! Esses officiaes, consta-me terem ido em seguida ao theatro lyrico, e depois ao largo do Paço, e ali em frente a guarda imperial proromperam em vivas ao imperador! e morras ao ministro da guerra! Mais tarde elles voltaram de novo ao theatro lyrico, e ainda demoraram-se ahí por algum tempo.

Poucas casas illuminaram as frentes.

No dia seguinte o *Jornal do Commercio* e o *Diario do Rio* noticiaram ter estado a festa optima, a illuminação de copinhos esplendida, ter sido geral o contentamento, etc. etc.

E assim se escreve a historia!»

—Está muito bom; o que ha mais?

—Agora a *Opinião Liberal*:

«Rio 9 do julho de 1870,

Celebram-se amanha as festas do barracão-templo.

O rei e os cortezãos e os ministros em côro, com os seus convidados especiaes, dignam-se render graças ao Todo Poderoso em nome da nação.

E' mais uma delegação, de que o povo não tem a menor consciencia.

Não importa; basta que pague as despesas e os desperdicios.

Destes certamente sentirá toda a nação o peso, e a contribuição é tão intransferivel como os convites do Sr. Muritiba.

Amanha, pois, entre as ondas de incenso e de polvora, entre os canticos e harmonias distribuidas ás divindades deste e do outro mundo, se dissiparão as migalhas do povo.

E no dia seguinte, ao estrepito do martello destruidor, terão desaparecido os ultimos vestigios dessa regia vaidade.

Tambem, com equal rapidez, dissiparam-se as vantagens dessa guerra exterminadora.

Um brasileiro chibatado em Paysandu, proprietarios brasileiros ameaçados no Estado Oriental, foram os preludios dessa horrivel guerra.

Pois bem; depois de cinco annos de lucta sangrenta; depois do anniquillamento completo de um povo americano, chegam-nos, com os hymnos do triumpho, os gemidos de dous brasileiros barbaramente agoitados no Estado Oriental, e os clamores de compatriotas de novo ameaçados em suas fazendas!

Os partidarios da guerra pensavam ter comprado a custa de tanto sangue e vidas preciosas, o *cives romanus sum*, e as humilhações e as violencias continuam do mesmo modo.

E' que a politica do orgulho e da prepotencia nada pode produzir.

A expedição da Abyssinia não impediu os recentes massacres de inglezes na Grecia.

Mas; o que ides festejar?!

A morte de um tyranno?

Melhor fôra aguardar a morte da tyrannia.

E com Lopez certamente não se extinguiu a tyrannia do Paraguay, nem a tyrannia mansa do Brasil.

Festejaes, porventura, os triumphos da liberdade e da civilisação?!

Por Deus! Adiaes os festejos para depois da abolição do escravo.

Festejaes o orgulho do nome brasileiro?

Voltae vos para o Estado Oriental, e vêde-o allí de novo humilhado sob o latego infame da chibata estrangeira.

Voltae-vos para Bem-posta (Minas-Geraes) e vêde o bravo voluntario da patria José Ma-

ria, condecorado com tres medalhas, com as carnes dilaceradas pelo chicote do homem que é seu senhor!

Esperac; não é preciso ir tão longe.

Dirigi-vos a casa de correccão desta capital do grande imperio triumphador; perguntae pelo bravo cabo de esquadra João Fernandes Barcellos, promovido no campo de batalha, e ali o vereis recolhido, como bêsta sem dono, para ser arrematado por ordem do estado, que o qualificou de—bem do évênto!

Contemplai bem estes identicos quadros, e dir-nos-eis que é feito do *brilhantismo e orgulho* do nome brasileiro.

—O que festejais então?

Os actos do heroismo, a bravura dos nossos soldados, a tactica militar, o valor indomavel do exercito e armada?

Sem duvida que muito ha que admirar neste ponto.

Mas, quando de tudo isto não resulta uma so vantagem real e duradoura para a nação e para a humanidade, *stulta est gloria*.

O que, pois, ides festejar?

A vaidade, a pura vaidade do imperador, tão ephemera e dispendiosa, tão infundada e custosa ao povo, como esse templo de papelão e ouropel, fcoms esse fumo, essa bulha, essas vozes, que amanhã se desvanecerão no espaço.

Entretanto, em frente desse barracão, desses europeis, desses fardões bordados, desse immenso carnaval, de que é centro o imperador do Brasil, terá o povo occasião de profundas meditações.

O observador reconhecerá que, maior do que a sêde d'agua que devora o povo desta Roma escrava, é a sêde da ostentação régia, que mal se sacia com centenaes de contos ali malbaratados.

Elle mal comprehenderá como o homem, que rejeitou estatuas por edificios para a instrucção do seu povo, gasta do dinheiro do povo centenaes de contos em pagode de sarrafos, sem que tenha até hoje creado uma só escola para os filhos do povo.

Taes são os desvellos e o amor á instrucção popular, que o sr. d. Pedro II sente por esta nação que tanto respeita e felicita.

Mas, silencio! Augusto, triumphador, precisa solemnizar a volta de Uruguayana e Peribebuy, quebrando no meio de pompas atadoras as cadeias de alguns dos seus escravos!

De joelhos! Deixai passar a munificencia e a caridade imperial!

Que nem um passaro sinistro por ali aduje nem um ponto no espaço, nem uma lagrima de viuva, nem um só gemido deste povo oppresso, nem uma praga de guerreiro victi-

mado, ouse perturbar as *augustae* do velho e do moço Cezar!....

«**As augustaes do campo.**—Offerecemos a apreciação a copia fiel de um convite, sem o qual não se pode orar no templo de Cezar.

«Ao Illm. Sr....

«Convite para assistir ao Te-deum e cantata no Campo da Acclamação.—O convite é intransferivel.»

—E esta festa é nacional!.....

—Muito bem!

—Aprecie agora o *Mosquito*.

«**MATERIA VELHA.**—Tem logar amanha, no campo de Sant'Anna, a grande festa governamental.

Com certeza ninguem faltará á grande apoteose bellica do Brazil.

São expressamente convidados para assistir ao grande ceremonial, não os homens de todas as cores politicas, mas os politicos de todas as cores, tanto nacionaes como estrangeiros.

O programma é o seguinte:

Grande cantata obrigada a *Ze Pereira* em *la maior*, na qual il Signore *I labor Ahi* cantará uma aria da *Traviata* á mistura com trechos da musica da *grande Duqueza* do author *Bofe de vacca*.

A letra é do mimoso e fecundo poeta *Castro Urso*, escripta expressamente para a grande funçonata e principia mais ou menos assim:

'Stá dito, então  
Tarão tão tão  
Corram ao Campo  
D'Acclamação.  
'Stá dito, então  
Tarão, tão, tão  
Haja barulho  
Na tal funcção.  
E' de columnas  
O barracão  
E uma dellas  
*Le nez* do Antão.

Etc. etc. etc. etc. etc. etc. etc.  
*et caetera.*

Haverá mosquitos por cordas.

O *Provisorio-permanente* será guarda inalteravel do *festim* e o *Balthazar* cantará por ultimo:

*Allons enfant de la patrie,  
Le jour de gloire et arrive....*

—Venha o resto.

—Ahi tem o *Jornal do Povo*:

**As glorias de papelão**

Muito bem! nada mais resta!  
E' clara a situação:

D. Pedro solta o rojão,  
E o povo é quem paga a festa!  
Está direito! Quem protesta  
Contra taes divertimentos?  
Si a guerra custou tormentos,  
Sangue e lagrimas ao povo,  
Não vemos nada de novo  
Na queimada dos duzentos!

E depois... sejamos francos,  
Quem sabe assim triumphar  
Tem direito de gastar!

Lá fóra bateu-se os *blancos*  
Do Lopes furou-se os *flancos*  
E o duque encheu-se de ouro:  
Cá dentro o bravo rei mouro  
Conduz a outro combate,  
E emquanto toca a rebate  
Dá um saque no thesouro!

O tempo que tudo empana,  
Talvez cobrisse de pó  
As glorias do Itororó  
Bem como as de Uruguayana,  
Por isso a mão soberana  
Temendo do tempo a acção,  
Mandou a congregação  
Dos seus sete fogueteiros  
Prégar seus feitos guerreiros  
Nas folhas de papelão.

Que pena ter-se apagado  
Da velha Roma pagan  
O estilo! uma manhan,  
O povo sobressaltado,  
Ter-se hia alevantado  
Ao rufar de mil tambores,  
E veria os vencedores  
Revestidos de couraças,  
Atravessarem as praças  
Em coches triumphadores!

Veria romper na frente  
Com ares de espadachim  
O novo Cezar-mirim;  
Atraz um duque valente  
Soffrendo (naturalmente)  
De colicas militares,  
Lembraria esses logares  
Onde por mais de uma via  
Obrou toda valentia  
Afilando os calcanhares!

Mas já que nos tempos nossos  
Tal costume não ha mais,  
Festeja-se a grata paz  
Que vem após os destroços,  
Roendo-se até os ossos  
A carne do cidadão  
Oh! que bella condicção  
Para um povo que começa!  
Por isso vae tão depressa  
Caminho da salvacão!...

Mas não importa! Comtante  
Que a regia estirpe valente  
(Por hypotese) sustente  
As honras do throno santo,  
Embora se cause espanto  
Com cascatas de dinheiro,  
Ao menos o mundo inteiro  
Que assiste as festas de pinho  
Saberá que o tal Pedrinho  
Além de sabio é guerreiro!

.....  
.....

Assim pois, nada é mais justo:  
Emquanto o povo arrimado  
Da miseria no cajado  
Arrasta a vida com custo,  
Emquanto o monarcha auguste  
Baptista da sua gente,  
Tão fria e tranquillamente,  
Com hypocrita constancia  
No Jordão da ignorancia  
Fal a banhar-se impudente.

Ri-se a hidra assoladora  
Mais cruel de dia em dia,  
Como genio da anarchia  
Soltando da mão traidora  
Torpe seiva corruptora!  
Forte, estúpida illusão!  
Céga de louca ambição,  
Esquece que a falsa gloria  
Dura tanto na memoria  
Como o fragil papelão!

—Lê-se na *Opinião Liberal*:

### Epigramma.

Ao senhor da fazenda um dia disse  
simplorio, amigo do direito e leis:

—Excellencia, que é isso, o que é que fez,  
o povo ao barracão chama tolice...—

Elle responde:—Calla-te, isto é logro,  
o povo é esperto, porem eu.... sou sogro.

J.

## A PEDIDO

—Muito se agita a questão eleitoral para  
um senador.

—Com razão.

—Porem de todos os candidatos o que me-  
nos deve merecer as honras do voto popular  
é o Dr. Bonifacio de Abreu.

—Porque? Não estará habilitado?

—Está por certo.

—Então?

—Mas é medico do Paço e parente de um  
dos ministros.

—Que tem isso?



—E' uma immoralidade.

—Como prova?

—E' facil: por quanto si ha razão de moralidade para que um presidente do provincia, o chefe de policia, o commandante das armas, o chefe da estação naval, não possam ser eleitos pelas respectivas provincias, tambem o medico do Paço ou pelo meños o ministro não faça da politica um arranjo de casa.

—Tem toda razão, porque, si os homens honestos e graves comprehenderem que a politica vai assim degenerada, todos voltarão as costas aos chefes egoistas.

—Capitão!

—O que queres?

—V. Ex. não leu no *Diario da Bahia* de 14 do corrente, uma questão sobre liberdade?

—Não. Porque?

—Pois consta-me que um tal francez, a tres annos, mandou matricular como escravas as crias Gliceria e Eliza.

—Mas quem é esse francez?

—E' um tal que se intitula engenheiro!!!

—Pois não sabia, sinão ja teria perguntado ao Dr. chefe de policia, si ja deu caça ao birbante, e mandou depositar as ingenuas que estão sendo martyrisadas por quem n'esta terra americana, quer escraviser a duas innocentes libertas e que tendo para isso recebido 200 \$000 rs., em 1857, para liberdade de uma, a tem até hoje como escrava.

—E' preciso averiguarmos do facto; por que n'esta epocha em que a manumissão vai em progresso, é preciso não deixar impune um crime destes.

—Moço triguciro....

—Eu descendo de um *castello-branco*.

—Nada importa, quando o Sr. é um tratante, um caloteiro, um velhaco.

—Não me insulte.

—E' apenas um desabafo porque ja estou desesperado de mandar o Bigodeiro a sua procura.

—Ora eu não esperava esta de Vm., Sr. *Protazio*.

—Capitão, trago a sua presença este incorrigivel cangalho, que apesar de estar no pôr do sol da vida, vergando ao peso de mais de scenta janeiros, entende fazer de sua loja de apparelhar madeiras, deposito de roubos.

Com admiravel astucia e sagacidade agasalha o que não lhe pertence.

Amigo do alheio, tem instincto de harpya. Sendo o officio de fazer trastes daquelles cujo trabalho demanda a luz do dia, o cão

traz a officina aberta por altas horas da noite, conservando-a ás escuras, para a seu salvo ir recebendo as saccas do assucar e algodão que das alvarengas são transferidas para seu cubiculo.

—Como se chama o talul?

—Albino dos Occulos.

—Diz a cara com a careta.

Muxingueiro!

—Prompto.

—Leva este ladravaz ao porão e lá applica-lhe 400 lambadas bem puchadas na deslavada cara e como ella é falta de verniz, suppre essa falta besuntando-a de alecrão; depois pucha-lhe a viperina lingua da imunda cloaca onde se aloja, e passa-lhe duas pinceladellas de pêz a ferver.

—Eu tomo o gallego a minha conta, capitão.

(*Continúa.*)

## ANNUNCIOS.

### Atenção!

Quem tiver e quizer vender os ns. 181, 182, 243, e 281 do *Diario da Bahia* do anno de 1867, dirija-se a typographia Constitucional ao Aljube, que achará com quem tractar.

### Juizo municipal da 1.<sup>a</sup> vara.

Correm praças nos dias 23, 27 e 30 do corrente mez, a porta do Forum, pelo juizo municipal da 1.<sup>a</sup> vara, e cartorio do tabellião Rodrigues da Costa, com a quinta parte de abatimento, as seguintes propriedades:—uma de n. 99, sita ao forte de Santo Alberto, freguezia do Pilar, em terreno proprio, que divide com as terras de Nossa Senhora da Lapinha, no valor de rs. 1:500\$; outra do n.º 121 sita ao mesmo forte, tambem em terreno proprio, com a mesma divisão, avaliada em rs. 1:100\$; e um terreno tambem proprio, sito á rua Nova do Queimado, com tres frentes principiadas e algumas divisões, no valor de rs. 1:000\$, pertencentes ao casal dos falecidos José Ricardo de Sant'Anna e D. Maria Joaquina de S. José. Bahia 21 de julho de 1870.

Rapazeada! hoje no vispora da rua do Julião n.º 18 ha um bem feito sarapatel gratuito para os frequentadores.

Ha excellentes bebidas,  
Café, vispora, dominó,  
Tem um bom sarapatel  
Em logar de mocotó.

# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.<sup>a</sup>

QUARTA-FEIRA 27 DE JULHO.

N. 673.

Publica-se na typographia de Marques, Artistas e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numero; 5\$ rs. por seis series: folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latroapolis, bordo do *Alabama* 26 de julho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que nos informam de que algumas pessoas tem sido assaltadas na estrada do Rio Vermelho, sendo na maior parte que transitam com carregos.

Dizem que os ladrões sahem de ordinario das immedições da roça que foi do finado Dez. Neto. Espera-se que S. S. á bem da segurança individual se digne de tomar providencias á respeito.

—Capitão, propala-se que na sexta feira em um hotel de grande nomeada, se dera um facto de rapinagem, assaz inqualificavel.

—Como foi?

—Dizem que o proprietario do tal hotel dera entrada a dous membros do olho vivo e combinara que elles propozessem as *vermelhinhas* para *folgarem* dous hospedes, levando um terço no *gamado*.

Consta que os depennados deixaram cousa de um conto e quê, tocando ao esperto proprietario uns tresentos e tantos mil reis.

—Que ladrões!

—O dono de um estabelecimento desta ordem devendo procurar acreditar-o, quer no interior e quer no exterior do paiz, é o proprio que admite em sua casa ratoneiros para saquear aquelles que nella vão se hospedar!

—E' preciso chamar a attenção da policia para estes factos que ameaçam a segurança e propriedade individual.

—E que juizo se fará do estado desta terra, quando se souber no estrangeiro, que nas hospedarias se dá entrada a larapios para roubar aos que nellas procuram pousada.

—Os itapagipanos commemoraram, segundo noticiamos, o memoravel dia Dous de Julho.

No sabbado á noite foi o carro da cabocla para os Mares, fazendo-se no domingo, depois do meio dia, a entrada triumphal do emblema da nossa emancipação politica, acompanhado do batalhão patriótico intitulado—*Artistas Nacionaes*, de muitos cavalleiros e immensas pessoas, precedidos da musica dos menores.

O carro foi dos Mares até a Ribeira de Itapagipe, percorreu neste trajecto diversas ruas e voltou pela Madragôa, atéo largo do Carias, onde estava o palacete para a illuminação.

Desencerrou-se na occasião de sua chegada a effigie do imperador e deu-se os vivas do costume.

A' noite houve illuminação, que durou até na terça-feira e durante as tres noites de illuminação a musica dos menores tocou no palacete.

—Houveram muitas desordens?

—Algumas, provenientes do calor da fabrica de cerveja e dos alambiques, o que de prompto se accomodava.

—Valha-nos isso!

Que mais?

—A companhia de Vehiculos cassou inteiramente com o respeitavel publico.

—Como?

—Annunciou conducção da praça de Riachuelo até a Ribeira de Itapagipe e fez fiasco.

—Então não houveram os *bonds* puchados a vapor como elles haviam annuciado?

—Houveram dous que não chegavam para transportar os passageiros que iam da cidade até Itapagipe, e alem d'isso, muitas pessoas tiveram medo de embarcar-se, porque os *bonds* saltavam fora dos trilhos, levando-se um tempo immenso a espera que os collocassem de novo.

—Em uma dessas saltadas eu escapei do ficar com a bitacula em petição de miseria, se me não aguento.

—Por essa ja esperava eu.

—Dizem tambem que elles de certa hora por diante não trouxeram mais os passageiros até a praça de Riachuelo, segundo estava annuciado, e sim até o Caes Dourado.

—E' verdade.

Pretextaram uma lança quebrada para poder impingir essa embaçadella no povo, pelo que ia havendo um grande sarceiro devido aos insultos que os caixeiros dos *bonds*, dirigiam aos passageiros, por estes reclamarem seu direito, o que foi de prompto accommodado.

—Mas tudo isso é devido á falta de ordem na companhia!

—Eu tambem sou do mesmo parecer!

—Capitão, como V. Ex. anda á cata de novidades, venho dar-lhe parte de uma que vi.

—Aceito com muito gosto, meu amigo.

—Eu não sei do lado de quem está a culpa; o caso é que no domingo quasi ha uma desgraça que se podia evitar, e que só por um desses acasos inexplicaveis não se realisou.

—O que foi?

—Domingo ás 5 horas da tarde, mais ou menos, um *bond* no trajecto do Bomfim para a cidade, encontrou-se na Calçada com um carro puchado á quatro, no qual iam tres senhoras e um homem, ficando o carro em pedacos.

—Os passageiros soffreram?

—Felizmente um leve incommodo occasionado pelo choque e o susto.

—Assim foi bom; porque quando succede uma desgraça todos dizem coitado, mas quem tem seu mal é que geme.

—E mormente neste caso que o cocheiro do carro accusou o bolieiro do *bond* e este a aquelle.

—O Sr. Antoninho da limpeza julga que esta terra é sua propriedade, que elle pode fazer della o que quizer.

Reduziu a Estrada Nova a uma extensa estrumeira.

—Da venda das sete portas em diante ha cisco por borra.

Não se pode transitar com as moscas.

—Para as condições hygienicas desta cidade nada mais favoravel.

—Não se pode habitar nesta terra!

—Mude-se, meu rico.

—Nem tudo é como se quer. Si eu pudesse ha muito que andava longe.

—Tem tanto desgosto assim?

—Em tudo e por tudo.

Uma terra onde ninguem se conta garantido do que serve viver nella?

Dizem que temos policia que garante a vida e propriedade do cidadão, mas a policia só se presta em certos casos.

Por este tire a consequencia.

Na sexta-feira á meia noite, uma pessoa que sahira de casa em procura de um medico para pessoa de sua familia, gravemente enferma, ao subir a ladeira da Praça, foi aggreddida por uma esfila de dez a doze budernistas, que seguiam da Praça em immoral vozeria.

Os mais atrozes insultos lhe foram dirigidos e como nada respondesse passaram a ameaças!

—Que diabo! Sahe um homem de casa fóra de si, vexado e afflicto e vae encontrar insultos e affrontas!

—Não querendo se expor, supportou resignado, procurando desviar-se daquelles desviados. O que porem parece incrivel é que apontando na embocadura da rua seis a oito patrulhas, que sahiam do quartel para a ronda da cidade, vissem aquelles turbulentos na sua immoral e provocadora assuada e os deixassem passar em paz, e seguir na mais desordenada berraria!

—Soffre-se muito, é verdade, mas o que se ha de fazer? Ter paciencia.

—Foi ao Dous de Julho em Itapagipe?

—E então.

—Logo vi, maganão, que V. não perde bodas.

Divirtiu-se muito, não?

—Realmente não vi nada em que me divertisse.

—O que viu la de curiosidade?

—Homem, o que eu vi que mais me prendeu a curiosidade, foi uma moça na janella, com toda claridade da luz meridiana, abraçando e beijando cynicamente um moço, que se achava na casa.

Este acto de cynismo, chamou attenção de todos quanto passavam, sem que ella e elle dessem o menor cavaco!

—Então, não é um spéctaculo bonito e engenhoso?

—Sabe a astucia que usou o Manuel Joaquim para roubar a crioula Galombão?

—Quem é Manuel Joaquim, um que dizia ser official de descarga d'alfandega de Maceio?

—Esse mesmo; cassou até com o chefe de policia; arranjou uns papeis, apresentou ao chefe e este engoliu a pilula.

—Trate do que estava tratando.

—Disse á crioula que queria dar-lhe um presente; que em S. Miguel, certa viuva tinha umas crias para vender, que o fosse esperar ali para escolher a que lhe agradasse, que elle daria o dinheiro.

A credula mulher muito cheia de si foi ao logar indicado e vendo Manuel Joaquim não apparecer, poz-se á espera. Este tempo foi

mais que bastante para elle fazer-lhe a limpa.

—Aquello Manuel Joaquim sempre foi de muito recursol

—No fortinho da Lagartixa, houve um desfloramento cheio de episodios burlescos.

Dizem que um Sr. Galvão foi o auctor dessa boa obra.

—Dê-me os pormenores.

—Eu vou até lá colher informações, e volto a dar-lhe parte.

—Pois seja breve.

## A PEDIDO

—Abarracou o batalhão dos *persevejos*.

—Lhe interessa alguma cousa?

—Nada; estou somente recordando os sambas da outra vez, as orgias, os deboches, que houveram.

—E' vontade de fallar, entendo.

—E' de admirar tambem a desinteressada dedicação do commandante pela causa publica! Esse senhor desde novembro passado mostrava decidida esquiva em apparecer e prestar-se á qualquer serviço, dando apenas um ar de sua graça na sexta feira benta e recolhendo-se logo á moita; dando com esse proceder de remisso ao cumprimento de seus deveres, mau exemplo a seus subordinados para tambem faltarem; nem no dia que sendo segundo entre nós é primeiro, se quiz prestar, para o que pediu uma licença no mez do santo dos foguetes. Mas, eis que soa a voz de abarracar, e o homem levado por insuspeito desinteresse, abandona sua inactividade, sacrifica a doce quietação e dá-se por prompto!

O commandante *maioral* mandou que abarracasse uma banda do batalhão por economia, mais o digno commandante reclamou que seu corpo não era caipora para entrar de uma banda so e garantiu que tinha 80 *persevejos* novos para metter; com o que conseguiu que a primeira ordem ficasse burrada.

—E os cofres gemendo.

—Nestes tempos custa-se a encontrar tão rara prova de patriotismo como a do preclaro commandante!

Em quanto é a secco, põe se na relva, mais logo que indica pingar alguma cousa cillosto e agudo no seu posto!

Pergunta-se ao um ex-thesoureiro da irmandade do Santissimo da freguezia do *Segura Parede* qual o destino que deu ao dinheiro que recebeu de diversos irmãos para *jazigos* da mesma irmandade, o qual nunca teve solução. Não é com o dinheiro alheio que se

dá tantos presentes as amarellas da casa conligua; nem são as algibeiras dos mais que devem contribuir para as despezas do rouxo que tanto lhe transtorna as ideias e o leva a insultar os mais.

Isto é conselho daquelle que não é *frouxo*.

## Modinha

PARA SER CANTADA COM A MUSICA DA VALSA INTITULADA — OS GUARDAS DO REI.

Feliz quem um grosso cobre  
Recebeu pela invencioni,  
Como premio, ou *brevetè*  
Do templo de papeloni!

E' feliz o macarroni,  
Que gamou tanto tostoni.

O pobre povo gemendo,  
Pagando vae á nacioni  
Mil impostos! p'ra gastar-se  
N'um templo de papeloni!....

Oh! que feliz lazaroni,  
Que fabrica barraconi...

Mui breve serão as casas  
Feitas por essa invencioni!..  
Tambem farão p'ra o monarcha  
Palacio de papeloni! .

P'ra o maldito lazaroni  
Depennar bem a nacioni.

Até o senado, a camara,  
A casa da relacioni,  
E da assemblea... mui breve  
Teremos de papeloni...

P'ra a pança do macarroni  
S'encher com muito tostoni...

Monsieur *Thabor*, *ahi*,  
Como *chefe da faccioni*,  
*Conserva*, *doura*... ou reduz  
O paiz a papeloni,

Fora, com o lazaroni,  
Ganhar maior posicioni.

Si ouro em papel reduziu  
Sem *formal concessioni*!!!  
Como não transformará  
Um *rei molle* em papeloni

Foi a *regeneracioni*  
Que fez co'a sua *faccioni*.

Mui contrario aos alchimistas,  
Com o seu *genre* o Macarroni  
Reduzir querem o ouro,  
Prata e cobre em papeloni..

Oh!.. que grande *logracioni*  
Se prega n'esta nacioni....

Qual cidade de *presepe*,  
Todos em *combinacioni*,  
Transformarão o paiz  
Todo inteiro em papeloni

Sem medo da opposicioni,  
Cumprem a sua tencioni!!...

Melhor do que, actualmente,  
Fizera, a luza-nacioni,  
Temendo que reduzida  
Tambem fosse a papeloni  
Pois que a *constitucioni*  
Não 'stá em execuccioni

E dêsse a *Thabor ahi*,  
Como compensacioni,  
Do que tem feito ao paiz,  
—A palavra de Cambroni—  
Tambem fim a posicioni  
De tudo quanto é ladroni.

Finalmente, disto tudo,  
Bem tirada a conclusioni,  
—E' porque temos um povo  
E um rei de papeloni!..  
Por isso que logracioni  
Soffre esta, pobre nacioni,

Oui.

—Capitão, moralidade do nosso clero.

—Oh, essa é nata.

—Contaram-me que certo ecclesiastico que não occupa patente rasa na sua classe, passava todos os dias pela porta de uma linda rapariga de 15 annos, cuja perfeição de rosto o fez suppor ser alguma obra d'arte e como tal digna de figurar no seu museu de raridades.

O virtuoso sacerdote quando tinha occasião de passar em tal logar, era sempre para exercer algum dever imposto pelo seu ministerio; por exemplo: consolar aos afflictos, visitar aos encarcerados, e não sei si impressionado por taes ideias, mostrava grande interesse pela sorte da bella joven, a qual vivia na companhia de sua decrepita avó.

O astuto padre, manejando a arma poderosissima do seu ministerio, apoderou-se sem resistencia da confiança da velha e convenceu que a netta em sua companhia não estava em boa guarda.

« A sorte desta menina, me dá cuidados; « aqui por estes logares, ha de succumbir á « tentação do vicio. Não seria melhor metel-a em um estabelecimento pio?»

Eram as palavras do manhoso padre sempre que se dirigia a incauta velha.

Tanto cantou, que a mulher entregou-lhe a netta, como o boi entrega o peçoço ao carniceiro e o estabelecimento pio para que ella entrou, foi para a casa do padre, que immediatamente fez-lhe uma caridade.

Passados vinte dias foi entregar a trouxa á sua dona, não direita como esta lhe entregara, mas remexida.

— Que exemplificadores do mundo!

— A velha veio á saber que sua netta fora violada e promette fazer escandalo em occasião em que o padre vá dizer missa.

— Ora queira Deus: ao menos sabe-se quem é o tal melro.

## VARIÉDADES.

### Idades das mulheres e dos homens. symbolisadas por aves.

A mulher de um a dez annos é *beija-flor*; de dez a quinze *rouxinol*; de quinze a vinte *ave do paraizo*; de vinte a vinte e cinco *rola*; de vinte e cinco a trinta *andorinha*; de trinta a quarenta *gralha*; de quarenta a cincoenta *coraja*; de cincoenta a sessenta *ema*; de sessenta em diante não é nem ave, nem mulher, nem cousa nenhuma.

O homem desde que nasce até aos dez annos é *pica-pau*; de dez a quinze *pinta-silgo*; de quinze a vinte *frango*; de vinte a trinta *faisão*; de trinta a trinta e cinco *gallo*; de trinta e cinco a quarenta *pavão real*; de quarenta a cincoenta *papagaio*; de cincoenta a sessenta *mocho*; de sessenta a setenta *arara*; de setenta a oitenta *grou*; de oitenta por diante... d'elle nos livre Deus!

## ANNUNCIOS.

### Atenção!

Quem tiver e quizer vender os ns. 181, 182, 213, e 281 do *Diario da Bahia* do anno de 1867, dirija-se a typographia Constitucio-nal ao Aljube, que achará com quem tractar.

### Juizo municipal da 1.<sup>a</sup> vara.

Correm praças nos dias 23, 27 e 30 do corrente mez, á porta do Forum, pelo juizo municipal da 1.<sup>a</sup> vara, e cartorio do tabellião Rodrigues da Costa, com a quinta parte de abatimento, as seguintes propriedades: — uma de n. 99, sita ao forte de Santo Alberto, freguezia do Pilar, em terreno proprio, que devide com as terras de Nossa Senhora da Lapinha, no valor de rs. 1:500\$; outra de n. 121 sita ao mesmo forte, tambem em terreno proprio, com a mesma divisão, avaliada em rs. 1:100\$; e um terreno tambem proprio sito á rua Nova do Queimado, com tres frentes principiadas e algumas divisões, no valor de rs. 1:000\$, pertencentes ao casal dos falecidos José Ricardo de Sant'Anna e D. Maria Joaquina de S. José. Bahia 21 de julho de 1870.

# O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.ª

DOMINGO 31 DE JULHO.

N. 676.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.  
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
30 de julho de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para os factos que constantemente se dão no matadouro publico, no qual, pelo estado de anarchia e desordem que reina, pode se dar a reproducção de deploraveis acontecimentos.

Ainda no dia 28 um tal Sr. Spiridião lançou-se com uma formidavel faca sobre o Sr. Tito Mello em razão de lhe ter este promettido chicote e, de certo, se teria consummado uma desgraça, si alguem não tivesse tido tempo de se interpor entre ambos.

Um estabelecimento da ordem do matadouro, o qual comporta individuos de todas as indoles e condições, demanda a presença de uma força respeitavel, que faça manter a ordem, e exige a adopção de medidas energicas que imponham a obediencia e respeito as leis, medidas que, espera-se, serão por S. S. expedidas.

—A mesa da irmandade de S. Joaquim, dizendo-lhe que é preciso mandar substituir um dos sinos da igreja que se acha rachado de meio a meio, e cuja unica serventia é prestar-se muito bem a ser causa de algum desastre despencando um pedaço; e com quanto esteja a igreja, por sua situação, arredada do transito, pode o accaso permittir que aconteça em occasião que passe alguem e não estando essa irmandade, rica como é, no caso de fazer sumiticarias, deve ser quanto antes o sino mudado.

—Que gracinha!

O sargento lembrou-se do tempo de menino; empinando arraia!

—Para disfarçar o aborrecimento que causa uma guarda.

—Mas aqui na praça?!  
—O que tem? V. não sabe que á noite todos os gatos são pardos.

—Porem é que amanha 29, o facto pode estar na bocca dos linguarudos, o que não fica muito airoso a um homem de farda.

—Como se nega a verdade conhecida por tal!

—O que foi que houve?

—A *Chronica Religiosa* dizer que esta capellinha se acha no melhor estado de decencia possivel.

—Ah! sim; e que sendo ella quasi publica, quem quizer pode visital-a a qualquer hora para desenganar-se.

—E' verdade; entretanto lá estão as maldictas cabras dentro do templo!

—Agora é que o Sr. governador do arcebisado devia chegar aqui sem ser esperado.

—Para elle se acapacitar da verdade bastava que mandasse, presenciar si todos os dias entra de manhan pela porta do hospital uma manada de cabras que sahe a tarde, ou não.

—Mora uma gente na rua do Bispo, casa n.º 6, que faz do becco do Seminario uma cloaca.

—São uns estudantes do sótão.

—A qualquer hora do dia desce la das alturas volumosos papeis, contendo *flores de pé de muro*, que matisam a rua e perfumam os narizes dos moradores; além de que pelo pouco cuidado com que jogam os taes papeis muita gente tem ficado emporcalhada, acontecendo até que, hontem quinta-feira, um delles viesse esborrachar-se no costado de uma pobre mulher.

—Cousas mesmo de estudante.

—Pouco caso com que os fiscaes olham para as infracções municipaes.

—Hontem, com assistencia do Sr. Dr. delegado de policia, exhumou-se no Campo Santo o cadaver de uma mulher, que falleceu esmagada por um wagon da via-ferrea na estação da Plata-forma.

—Para que?

—Para proceder-se á corpo de delicto.

—Dous trabalhos; melhor seria que tivessem feito antes do enterral-a.

—Eu entendo tambem assim, mas como a policia não tem um medico, anda sempre como caranguejo.

—A rua do Bom-Gosto do Campo Grande é cisco só!

—De grande cousa se admira V.!

Era preciso que não visse os monturos no centro da cidade

—No Campo ha montes de retraco; grande quantidade de excrecencia de animaes, muito lixo e até um carneiro morto.

—Tudo isso fica muito a quem da proverbial actividade do Sr. Antoninho da limpeza.

—Consta que o Sr. coronel Carvalhal mandara preparar uma primorosa capella para offerecer, em sua chegada, ao bravo major João Francisco Barbosa d'Oliveira, um dos denodados que d'aqui marchou no commando de uma companhia de zuavos.

## A PEDIDO

—Capitão, soube de um logro que pregaram ao barão dos Caranguejos?

—Eu creio por V. dizer; ha quem logre a esperteza em possoa?

—As vezes assim succede; aquelle rico poderoso, capaz de enganar ao diabo; foi cinzado por uma mulher.

—Conte-me isso que deve ser curioso.

—Aquelle vaso estragado pelo tempo, não é sectario da temperança, nem concorda que a natureza humana se possa submeter aos preceitos de castidade. Em suas desenfreias extravagancias travou relações illegitimas com uma mulher, de quem teve um filho, ao qual abandonou, desde que sua mãe o deu á luz do dia.

A mulher resignou-se a crear, como poudes, o fructo de seu ventre até a idade de 7 annos.

Num dia, de máu humôr, porem vestiu o menino e levou-o ao escriptorio do barão dos Caranguejos, a quem foi encontrar absorto diante do seu idolo, a sua burra de ouro.

A mulher apresentou-lhe o menino, dizendo-lhe que ja o tinha creado até aquella idade, e que visto elle ter consciencia de que era seu pae, vinha entregar-lh'o para que lhe desse alguma educação.

O matreiro não se alterou; fingiu não comprehender as palavras da mulher; acariciou a creança; e, caminhando com elle pela mão, para junto de sua carteira, tirou de cima desta um embrulho e deu-lhe.

A mãe do filho do poderoso homem teve para si que aquelle cartucho continha dinheiro de ouro; mas oh, ledo e doce engano!... o rico negociante brindara sua prole; com uma pataca das moedas de vintem de novo carimbo.

—Que cadello miseravel!

—Aquelle sovina representa a estatua da miseria cercada pela da opulencia, a mesquinaria no meio da riqueza.

Não gastemos porem o tempo com o que todos ja sabem.

A mulher logo que viu a acção infima praticada por aquelle sumitico, deliberou pregar-lhe uma peça e para isso foi se esgueirando, em quanto o pequeno brincava junto á carteira.

O poderoso e rico homem nem deu fé disso, tão preocupada estava sua mente com as loiras sterlinas, com lettras a cobrar, com os alugueis a receber, com as transacções de 100 por 10 a realizar.

O menino entretido, não sentiu a ausencia da mãe e ja ella estava, talvez, em casa, quando o poderoso negociante deu por sua falta.

—E teve de aguentar com sua trouxa.

—Qual! O desalmado teve coragem para mandar bruscamente sahir o menino.

—Que coração de homem! que espirito de malvadez! mandar embora, uma creança não acostumada a andar so pelas ruas difficultosas do commercio!

—O menino desceu as escadas muito bem, mas chegando á porta da rua, vendo-se sem saber caminho nem carreira, poz a bocca no mundo entrou a bradar.

Todos que passavam paravam para ver o que era, o ajuntamento foi engrossando; a porta do escriptorio do barão dos Caranguejos ficou inteiramente circulada; um commentava o facto, outro censurava o procedimento ignobil do ricasso usurario; daqui surdia um motejo, d'ali uma chufa; um contava uma anecdota á respeito do sumitico; outro um logro com que elle enganara alguem, mais adiante narravam uma tratada que elle commettera, como rebatera parte da herança de certo perdulario pela decima parte de seu valor e que em uma lettra de tres contos de reis augmentara — um — no algarismo, e um — e — na palavra tres o assim com pouco trabalho fizera de tres contos treze. E todos observavam o menino e todos o interrogavam e a todos elle respondia que era filho do barão dos Caranguejos. E o ajuntamento crescia!

O barão vendo tanta gente na porta do seu escriptorio, depois de muita reluctancia,

viu-se obrigado a mandar buscar o monino para cima e a levar-o para casa!

—Com que dor não faria. Foi somente recciando a indignação publica.

—Não está bem pregada a peça? Teve lugar a semana passada.

—Quem havia de suppor que uma mulher fosse capaz de enganar a um homem tão experto?

—Sr. muxingueiro, ja que o encontrei e como o Sr. é um agente valioso do capitão do *Alabama*, não quero perder a monção.

—Vá dizendo o que ha.

—E' uma mulher que vira gato toda noite.

—Pelo que vejo estou tratando com algum visionario, desses que acreditam em mula sem cabeça.

—Eu é que não me expliquei bem, a mulher não vira gato, imita o gato na ligeireza com que salta o balcão de certa venda do becco dos Calafates.

—Nem eu nem V. temos nada com isso; cada um é senhor de suas acções.

—Mas é que a Sra. Emilia podia deixar isso p'ra mais tarde.

—Nem mais uma palavra; não estou para ouvir negocios da vida alheia.

—Capitão, ali vem um barco.

—Chame-o a fallal!

—De onde vem?

—Da côrte de *Latronopolis*.

—Para onde vae?

—Para ilha dos *come ciris*?

—Que carga levas?

—Toros de pinho.

—Consignado á quem?

—Ao *encommendador Paulo Montez*?

—Por quem foram mandados estes toros?

—Pelo ministro dos *marinheiros*?

—E a custa de quem foi comprada esta madeira?

—Sahiu dos arsenaes, provavelmente, mas ea so *venderei* este segredo, si V. Ex. me garantir alguma gratificação.

—Então, veio para se vender, não é assim?

—E' verdade. E' um pequeno negocio no qual vem ficar de menos nos cofres do estado a insignificante quantia de 70:000 \$ rs.

—E é por isso que aspiram o poder, somente para accumularem fortuna!

Bem: deixe ir em paz o barco, que eu depois mandarei syndicar deste facto.

—Cousa mais descarada, mais immunda, mais safada, do que aquelle frade, não ha! A qualquer hora do dia, entra pela casa da

moça ao Maciel de baixo e la fica horas esquecidas.

—Pobresinha della se lhe der ouvidos.

—Que typo do sacerdote! Troca a paz e santidade do claustro, pelas orgias mundanas, a gravidade do character ecclesiastico pelos arrebiques do seductor, e em vez das palavras do Evangelho que conforta e edifica o spirito, o genio da perdição sopra a prostituição e a deshonra nos ouvidos da incauta moça!

—Que frade polluto! Que contraste com a pobreza e humildade que distingue os filhos d'aquelle que recebeu as chagas de Christo!

—Meu Santo *Antonio*, pelo vosso *patrocínio*, preserva a infeliz prestes a cahir nas garras de semelhante dragão.

Quartel-general do commando do exercito promotor da Bôa-ordem e Moralidade itapagipana 27 de julho de 1870.

Exm. Sr. capitão do *Alabama*.—Fiado na inexgotavel bondade, e ainda mais na franqueza que tanto distinguem á V. Ex., atreve-se ainda d'esta vez este commando a deprecar-lhe o grandissimo obsequio da publicação das inclusas estrophes como correctivo unico capaz de fazer o celeberrimo *Janjão* retroceder da senda immoral, perversa e estúpida que actualmente trilha.

Reitero a V. Ex. meus protestos da mais alta estima e consideração. Deus guarde a V. Ex.

Exm. Sr. capitão commandante da curvêta a vapor *Alabama*.—O general *Allan Kardec*.

### Inspirações do Bemfim.

(PRIMEIRA DÓSE.)

#### CHULA

*improvisada por uma crioula no pisão.*

Ióyo *Janjão* não se esqueça

Da promessa que me fez,

Na porta do *alambique*

Na tarde do dia trez.

Me deixe, ioyo *Janjão*,

Não quero pagodes, não.

Outro dia no *Travassos*

Eu lhe vi saltando a *cerca*;

Por uma triste *negrinha*

Ioyo *Janjão* não se perca.

Mo deixe, ioyo *Janjão*,

Não quero pagodes, não.

Recorde-se bem de um facto

Havido com um tal—*Sé*:

Escolha bem os lugares

Em que deve por o pé.

Me deixe, ioyo *Janjão*,

Não quero pagodes, não.



Quando for ver as *negrinhas*,  
As escondidas a noite,  
Leve o *feitor-guarda-costa*  
Por causa do algum agoito.

Me deixe, *ioyo Janjão*,  
Não sou de pagodes, não.

*Homem que não tem dinheiro*  
Não deve sair de casa,  
As *negrinhas* querem cobres  
E não de Perú a asa.

Me deixe, *ioyo Janjão*,  
Não quero pagodes, não.

Este *Itapagipe* inteiro  
Sua fama bem conhece,  
*Ioyo Janjão* diz as cousas  
Agora, mas logo esquece.

Me deixe, *ioyo Janjão*  
Não quero pagodes, não.

Eu não recebo em *cachaça*  
Meu dinheiro, ja lhe disse,  
*Ioyo Janjão*, vá-se embora,  
Basta de tanta tolice.

Me deixe, *ioyo Janjão*,  
Não quero pagodes, não.

Já é tarde, vá-se embora,  
Em quanto o *papá* *resona*:  
Pule a *cerca* com cuidado,  
Não leve alguma taponá.

Me deixe, *ioyo Janjão*,  
Você não é gente, não.

Que terra é esta meu Deus,  
Aonde é que nós vivemos?  
Somente a *immoralidade*  
Apadrinhada nós vemos.

Oh, que *pombinho* feliz,  
E' das *Mercez* o *pombinho*,  
Por todos é protegido,  
Em toda parte faz ninho!

Vai de *pombal* em *pombal*  
Suas asas sacudindo;  
Zombando d'um povo todo,  
So delicias vai fruindo.

Está dito; a *religião*  
So de *velhacos* é capa,  
E quem *acaso* fallar  
Da *excomunhão* não escapa.

E' *herege*, *excommungado*,  
Nem pode a vida ganhar  
Quem nos *defeitos* dos *padres*  
Inda de leve os tocar.

Em nome da *santa igreja*  
Quanto *querem* não fazendo;  
Eis ahí vai o *exemplo*  
Que todo o mundo está vendo.

Um *padre* tinha uma *freira*,  
A quem dedicava amor,  
Ella mudou de *convento*  
P'ra servir bem ao *Senhor*.

Foi n'um *desterro* metter-se,  
E o *pombinho* voou,  
Té que por fim no *desterro*  
O *pombinho* lá pouzou.

Todos os dias lá está  
P'ra *gloria* do *Creator*,  
As voltas com a *rapariga*  
De quem se diz *confessor*.

Tal *escandalo* não vê  
Quem governa a *fradaria*?  
Meu *Deus* tanta *corrupção*  
Nunca houve na *Bahia*.

Por isso á *frades* e *padres*,  
Não *piensem* que isto é *chalaça*,  
Na *minha* casa não quero  
Nem um *instante* por *graça*.  
Qu'eu não sou d'aquelles *bobos*,  
Que em casa *mettem* os *frades*,  
E sempre *beijando* a *manga*,  
A elles *chamam* *compadres*.

Porem p'ra isto ser mundo  
E' preciso haver de tudo,  
Mas com a *gente* *coroadá*,  
Fique certo, não me *illudo*.

---

## VARIÉDADES.

---

### Hoje e amanha.

Quando me cazei, dizia um pobre diabo a um seu amigo, amava tanto minha mulher, que o meu desejo era devoral-a com os olhos!

— E agora? perguntou o outro com extrema placidez.

— Agora... siato do fundo d'alma não a ter devorado... com os dentes!

---

## ANNUNCIOS.

---

Rufino José Travassos, constando-lhe que o Sr. Vicente Carlos Gomes propala que é seu credor, convida ao mesmo Sr. a comparecer em sua loja á rua do Julião, afim de ajustarem contas, das quaes julga o annunciante que o Sr. Vicente ainda lhe é devedor de um saldo de contas do tempo que foi seu caxeiro.

Bahia 29 de Julho de 1870.

---

### Officinas de sapateiros

Precisa-se na loja de calçado na rua direita do Palacio defronte da secretaria do governo

Typ. de Marques, Aristides o C.